



ANO 5 | Nº 56 | FEVEREIRO DE 2018 | R\$ 12,00

ATÉ QUE A MORTE OS SEPARE

Casais que completam décadas juntos contam o que eles têm que falta por aí

TINTIM

Roteiro dos bons drinks em 2018

CASA DA RIBEIRA

Espaço de cultura resiste há 17 anos, mas continua com ameaça de fechar

NOME OU NÚMERO

Nomes numéricos das ruas do bairro do Alecrim antecedem os americanos em Natal

NU COM A MÃO NO BOLSO

RN ainda não tem praia oficial de nudismo, mas a prática existe nas mais desertas

ITÁLIA-BRASIL

Empresa italiana de filtros chega ao Brasil e proprietário fala com exclusividade para a Bzzz

EMPRESÁRIOS E GOVERNO

PRESIDENTE DA FIERN, O EMPRESÁRIO AMARO SALES FALA SOBRE ELEIÇÕES, MOMENTO ECONÔMICO E POLÍTICO DO RN, PACOTE FISCAL, O QUE ESPERA O EMPRESARIADO LOCAL. NO CAMPO PESSOAL, REVELA A ORIGEM DE TRABALHO NA PADARIA DE FAMÍLIA

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

TRANSPARÊNCIA
E ECONOMIA
PELO BEM DO
RIO GRANDE DO NORTE.

A gestão moderna da Assembleia Legislativa promoveu a **transparência**,
a economia de gastos e uma ampla **reforma administrativa** na Casa do Povo.
Graças à economia gerada pelo **corte de gastos**, a atual gestão ficou
abaixo do limite prudencial e pôde investir, com a **aprovação**
dos 24 deputados, em importantes ações em benefício da população.



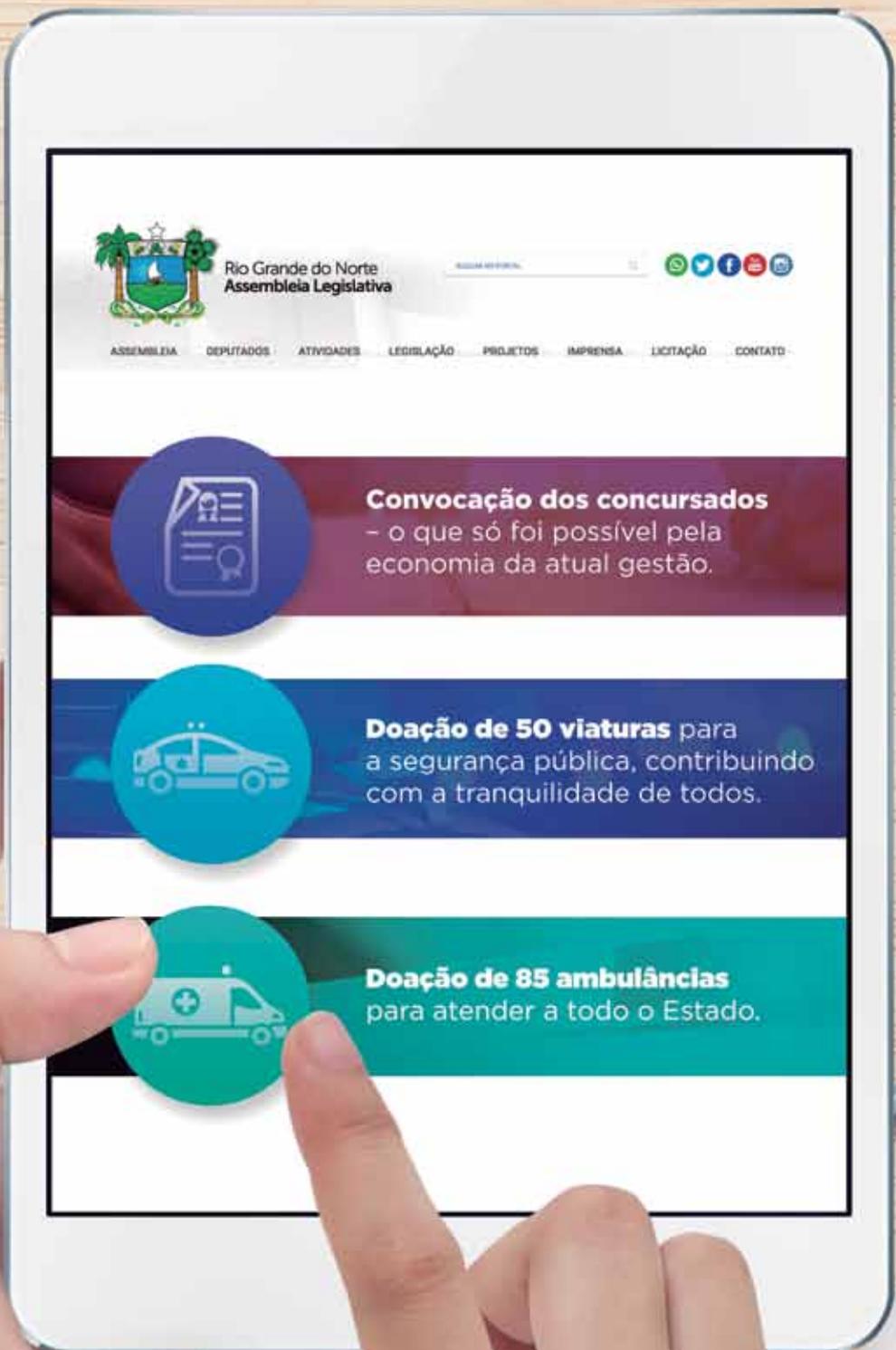
Rio Grande do Norte
Assembleia Legislativa



assembleiarn



www.al.rn.gov.br



Rio Grande do Norte
Assembleia Legislativa

BUSCAR NO PORTAL



ASSEMBLEIA DEPUTADOS ATIVIDADES LEGISLAÇÃO PROJETOS IMPRENSA LICITAÇÃO CONTATO



Convocação dos concursados

- o que só foi possível pela economia da atual gestão.



Doação de 50 viaturas

para a segurança pública, contribuindo com a tranquilidade de todos.



Doação de 85 ambulâncias

para atender a todo o Estado.

É o Poder Legislativo dando a sua contribuição à Sociedade e trabalhando pelo bem-estar e o **Desenvolvimento do Rio Grande do Norte.**



POLÍTICA E EMPRESÁRIOS

DAQUI A POUCOS MESES, a temporada de campanhas eleitorais começa mais uma vez. Já presente nas discussões que envolvem o tema, a ideia de ter empresários ocupando cargos políticos está em destaque. No cenário nacional, o potiguar Flávio Rocha, CEO da Riachuelo, é nome bastante repetido, assim como o empresário e apresentador Luciano Huck. No Rio Grande do Norte, essa questão também é presente, nem que seja para dizer que “não há interesse”.

Nesta edição, a RevistaBzzz traz entrevista polêmica do presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte, que ao mesmo tempo em que elogia o pacote de ajustes fiscal do Executivo estadual critica a ausência de ações mais ágeis, diante da cópia inacabada de um projeto completo feito há tantos anos pela Fiern e entregue à ex-governadora Rosalba Ciarlini, próxima de deixar o governo, e a Robinson Faria nas véspera de assumir o comando do Estado. Amaro questiona o fato de somente agora algumas das sugestões feitas anos antes tenham a possibilidade de existir. Sobre a sua falada possibilidade de nova reeleição, também perguntamos. O gestor à frente do empresariado não teme a polêmica dos servidores estaduais e afirma que apertar o cinto é necessário para que o Rio Grande do Norte possa sair do atoleiro e respirar no futuro.

Também nesta edição, o sofrimento e a resistência da Cada da Ribeira, que desafia os anos e o abandono em prol da cultura. Matéria de memória e sempre atual: a história dos nomes números do bairro do Alecrim, em Natal, que é uma das ricas curiosidades da capital potiguar. E ainda: gastronomia com bar badalado e drinques; arquitetura com as tendências dos adornos; casais que enfrentam o tempo e continuam a união e amor; praias de nudismo e a falta delas no RN;

A todos, uma ótima leitura!

Equipe Bzzz

EXPEDIENTE

PUBLICAÇÃO:
JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE
ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS
www.portaldaabelhinha.com.br

 @revistabzzz

 Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA,
CRÍTICAS E ELOGIOS:
revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br

EDITORA
ELIANA LIMA
elianalima@portaldaabelhinha.com.br

EDITORA INTERINA
ALICE LIMA

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO
TERCEIRIZE EDITORA
www.terceirize.com

COMERCIAL
EDILÚCIA DANTAS
(84) 99109 9678

COLABORARAM COM ESTA EDIÇÃO
ANA CAROLINE CARVALHO, CÍCERO OLIVEIRA,
JEAN ROCHA, LEONARDO DANTAS,
MARKSUEL FIGUEREDO, NORTON RAFAEL,
OCTÁVIO SANTIAGO, RAFAEL BARBOSA

FOTO DA CAPA
CÍCERO OLIVEIRA

FOTOS
CANINDÉ SOARES, CÍCERO OLIVEIRA,
ELPÍDIO JÚNIOR, HARUO MIKAMI,
EVALDO GOMES, FERNANDO CAVALCANTI,
GILSON BEZERRA, JOÃO NETO,
PAULO LIMA, RICARDO JUNQUEIRA,

GRÁFICA
IMPRESSÃO

TIRAGEM
6.000 EXEMPLARES

IPTU 2018

O COMPROMISSO COM O FUTURO NÃO PARA

PAGUE EM COTA ÚNICA E GANHE DESCONTOS.

Estando em dia com seus tributos, o contribuinte terá direito a descontos no IPTU 2018 em cota única, até a data de vencimento da primeira parcela.

30% se estiver com todos os IPTUs dos anos anteriores pagos.

15% se estiver parcelado

5% se estiver em dívida

O carnê cobra o IPTU, a Taxa de Limpeza e a Contribuição de Iluminação Pública, esta última somente nos casos de terrenos.

O IPTU é lançado em até 8 parcelas, respeitando o valor mínimo por parcela de R\$ 30,00.

VENCIMENTO DA PRIMEIRA PARCELA

GRUPO 1

05/02/2018

GRUPO 2

05/03/2018

GRUPO 3

05/04/2018



Pavimentação da Rua General Leco



Base do asfalto da Av. Firmino Magalhães - Sta Terézinha (acesso ao Aeroporto Internacional)



Quadra do CEMEF



Implantação do Centro de Especialidade de São Antônio

Procure a Secretaria de Tributação de São Gonçalo do Amarante. Av. Tomaz Landim, 1028 – Jardim Lola, fone: 3615-4362 e veja qual o melhor plano para ficar em dia com a sua cidade e ser um cidadão legal.





30

Arte transformadora

Em Mãe Luíza, crianças participam de criação de parede de mosaico e simbolizam a paz em um dos bairros mais violentos de Natal



62 TAJ BAR

De Curitiba para Brasília, o bar que é a balada do momento e recebe políticos e famosos do Planalto Central



88

DECORAÇÃO

Detalhes fazem toda a diferença na ambientação de interiores

46 CAMPUS PARTY

Natal será sede do maior evento de tecnologia em 2018



Rafael Coelho/FLICKR

PROCEDIMENTOS DE ALTA COMPLEXIDADE?

*SIMPLES:
Hospital do Coração.*

Há momentos na vida em que a melhor decisão é também a mais segura. Nessas horas, você sempre pode contar com o Hospital do Coração.

Centro Cirúrgico com filtros antibacterianos, UTI com boxes individualizados, Ressonância Magnética de última geração e o único da cidade com duas salas de hemodinâmica. Uma super estrutura que realiza, com equipes especializadas, mais de nove mil procedimentos de alta complexidade por ano. Números que confirmam: se o momento é difícil, a escolha é simples. Hospital do Coração.

- Urgência 24 horas
- Transplantes de órgãos
- Check-up Executivo

 **HOSPITAL
DO CORAÇÃO**
Especializado em você.

(84) 4009-2000
hospitaldocoracao.com.br





ELIANA LIMA

SOGRÃO!

Nos bastidores do SBT corre que o mandachuva Sílvio Santos quer ver o genro Fábio Faria (PSD) longe da vida de político. No Rio Grande do Norte. Para que ele desista de tentar a reeleição de deputado federal em solo de potis-eleitores, teria lhe oferecido um comando no Sistema Brasileiro de Televisão.



SITUAÇÃO

Comenta-se à boca pequena que o Homem do Baú quer o genro mais próximo da família. Assim, incentiva sua candidatura, no futuro breve, por São Paulo.

POXA!

Da série Coisa da Política (tacanha): nos escaninhos do poder pernambucano corre que o bonitón Túlio Gadêlha, namorado da jornalista Fátima Bernardes (a mais bem paga apresentadora da Rede Globo), está incomodando correligionários do seu partido, o PDT. Tanto que ele foi exonerado da chefia do Instituto de Terras e Reforma Agrária do Estado de Pernambuco (Iterpe), a pedido do próprio PDT. A popularidade do jovem nas redes sociais provoca inveja em caciques do partido em solo estadual.

URNAS

O belo deverá ser candidato a deputado federal. E já com apoio declarado do ex-ministro Ciro Gomes, pré-candidato do PDT às eleições presidenciais. Túlio não poupou a artimanha para exonerá-lo do cargo, e abriu declaração: “Um ajuste partidário e eleitoreiro para perpetuar os desajustes que tanto maculam o nosso ambiente político”.



EM TEMPO

Túlio Gadêlha foi nomeado para o cargo em novembro do ano passado, logo após assumir o namoro com Fátima Bernardes.

CARREIRA

O pernambucano já tentou cadeira de parlamentar, sem sucesso, em eleições anteriores. Em 2012, pelo PDT, obteve 1.471 votos para vereador no Recife (PE), com o total de 0,17% no placar geral. Em 2014, a tentativa foi para deputado federal, mas amargou 0.08% da soma total, com apenas 3.495 votos.

ESTICA E PUXA

E por falar em PDT, a senadora Kátia Abreu, que foi expulsa do MDB, ex-PMDB, já escolheu o seu próximo partido. Será o eterno partido de Brizola, PDT. A parlamentar esteve na sede nacional do partido, onde conversou com o presidente, Carlos Lupi. Tudo indica que a filiação será em 8 de março, Dia Internacional da Mulher. Data também em que o partido lançará a pré-candidatura de Ciro Gomes para presidente da República.



FACETA

Por falar em Ciro Gomes, vale o trocadilho com a canção A Última Moda, de Ronaldo Roseda - trocar de roupa é como trocar de partido para o paulista-cearense. Nos quase 40 anos de vida pública, não se incomodou de mudar por sete vezes de partido.



MEMÓRIA

O ingresso na vida política foi em 1982. Ano em que se filiou ao então PDS (Partido Social Democrático), partido que sucedeu a Arena (Aliança Renovadora Nacional), suporte da ditadura militar. Eleito deputado estadual em 1983, trocou o PDS pelo PMDB, pelo quase se reelegeu em 86. É quando muda novamente e assina ficha do PSDB, onde permaneceu até 1996. A troca dessa vez foi pelo PPS de Roberto Freire. E pelo Partido Comunista Brasileiro concorreu à presidência da República em 1998 e 2002 – eleição em que apoia Lula no segundo turno, troca o comunismo pelo PSB e assume o Ministério da Integração Nacional. Partido que deixa em 2013, por discordar da candidatura de Eduardo Campos a presidente da República em 2014. Assim, ajudou a criar e fundar o Pros (Partido Republicano da Ordem Social). Partido que deixou em 2015 para se filiar ao PDT, com pretensão de ser candidato, novamente, a presidente, agora nas eleições de 2018.

É.

HOLOFOTES

Comandante do Exército Brasileiro, o general Villas Boas é um habitué do Twitter. Seus posts são de informações sobre as ações da Força, e de opinião. Mostra-se, por exemplo, contrário à presença das Forças Armadas no policiamento em substituição às polícias Civil e Militar. Uma forma de criticar a ausência dos governos estaduais no cumprimento dos seus deveres.



EM TEMPO

O perfil do Twitter do general completou um ano neste mês de fevereiro. E já soma mais de 70 mil seguidores.



Qual o número da rua?

Partiu de militares norte-americanos a identificação numérica de ruas e avenidas do histórico bairro do Alecrim, em Natal? Também. Mas o registro antecede o período da Segunda Guerra Mundial

Por Norton Rafael



Av. Cel. Estevam (9)

SEQUÊNCIAS NUMÉRICAS ESTÃO DIRETAMENTE vinculadas à matemática. Os algarismos foram criados pela humanidade, ao longo da história, como forma de representar quantidades de maneira simplificada. Esse mecanismo de contagem possibilitou aos nossos antepassados, por exemplo, controlar de forma organizada criações de animais e plantações.

À medida que as pessoas passaram a dominar a escrita e, conseqüentemente, os números, esses dois fatores passaram a ser indispensáveis na construção social humana. Porém, em um passado não tão distante o emprego dos algarismos se tornou substancial para permitir a integração de dois povos unidos pela Segunda Guerra Mundial.

Durante o período da Segunda Grande Guerra (1939-1945), Natal, capital do Rio Grande do Norte, foi base para as Forças Aéreas dos Estados Unidos. Os norte-americanos se instalaram no município de Parnamirim, na divisa com Natal, e usaram a região como trampolim entre a América do Norte, norte da África e Europa, onde os conflitos mais intensos aconteciam. A base potiguar serviu preponderante para reduzir custos operacionais do governo americano, que, no pós-guerra, saltaria aos olhos do mundo

como principal potência econômica global, ao lado da extinta União Soviética.

Para Natal, a presença de milhares de militares estadunidenses transformou a cidade. De uma pequena vila basicamente formada pelos bairros da Ribeira, Rocas e Cidade Alta, viveu um boom populacional e, também, de modernização. Costumes e produtos característicos dos Estados Unidos passaram a ser consumidos pelos natalenses. Era um período de intensas mudanças para os seus moradores.

Uma das transformações mais significativas provocadas pela presença da tropa americana aconteceu no, à época, recém-formado bairro do Alecrim. Ali naquela região, como faziam os homens milhares de séculos antes, os ianques empregariam uma sequência numérica como forma de permitir o controle e a organização de determinado espaço.

Os militares, então, utilizaram números ordinais para identificar as ruas do bairro. O modelo era similar ao empregado em ruas de cidades daquele país, onde a divisão por quadras permite que a contagem de ruas e avenidas seja feita através de números e não por nomes, como é comumente empregado em cidades brasileiras.

Controvérsia

O historiador Anderson Tavares de Lyra explica que a utilização de números para identificação das ruas do Alecrim é um dos marcos dos Estados Unidos em Natal. Mas atenta que a relação entre números e as ruas do bairro precede à presença dos militares estrangeiros. Em princípio, quando o bairro começou a ser edificado, a prefeitura atribuiu números aos logradouros enquanto esses espaços aguardavam para receber nomes oficiais.

A denominação das ruas e avenidas do Alecrim, segundo Anderson, aconteceu em dois períodos distintos: antes e depois da criação oficial do bairro. Baseado em depoimentos e registros oficiais da época, Anderson diz que “as ruas do Alecrim foram numeradas pela primeira vez por Antonio Polidrelli, em 1903”. Ou seja, muito antes da chegada dos americanos.

Profissional capacitado a demarcar e fazer medição de terras, Polidrelli foi o agrimensor italiano contratado pelo presidente da Intendência de Natal na época (cargo correspondente ao de prefeito municipal), Joaquim Manuel Teixeira de Moura, para projetar um novo bairro na capital. Assim, no início do século passado, ele criou o plano urbanístico. “Na parte alta do Alecrim, as avenidas e ruas foram traçadas em forma de xadrez à semelhança do que foi feito em



Anderson Tavares de Lyra, historiador

Petrópolis e Tirol”, informa Anderson Lyra. “As avenidas, a partir da Presidente Quaresma, receberam a numeração de 1, 2, 3, 4, 5, até a 18. Foram igualmente numeradas as artérias que cruzam estas avenidas no sentido Leste-Oeste”.

As ruas do Alecrim permaneceram sob registro numérico até 1929, quando o então prefeito Omar Grant O’Grady contratou o arquiteto greco-italiano Giacomo

Palumbo (formado na École de Beaux-Arts de Paris) para fazer o “Plano Geral de Systematização da Cidade de Natal”, o depois denominado popularmente como Plano Palumbo. Na mesma época, Omar O’Grady solicitou ao Instituto Histórico e Geográfico do rio Grande do Norte (IHGRN) indicações de nomes de personagens históricos para atribuir aos logradouros identificados por números.





Esquina da Av. Coronel Estevam (9) com a Rua Pres. Sarmento (4)

Retorno numérico

Nestor dos Santos Lima, que era o presidente do IHGRN, relacionou 167 nomes e enviou ao prefeito. Baseados na relação, a prefeitura colocou no Alecrim e no que seria o futuro bairro de Lagoa Nova nomes dos antigos Presidentes da Província do RN (governadores atuais), e, especificamente no Alecrim, de nossas Tribos Indígenas. O “batismo” oficial aconteceu entre as décadas de 1930 e 1940, antes da chegada norte-americana a Natal.

Com o desembarque das tropas norte-americanas em solo potiguar e a ocupação dos militares no Alecrim, as ruas do bairro foram novamente ordenadas por números, diante da dificuldade que os novos hóspedes tinham de pronunciar os nomes oficiais dos espaços, segundo afirma o historiador. “Usar números como identificação das ruas era mais familiar para eles por similaridade ao empregado nos Estados Unidos”. A sequência numérica atribuída pelos militares

estrangeiros, porém, era distinta da adotada por Antonio Polidrelli. “Não há relação entre a numeração dos americanos e a estabelecida anteriormente por Polidrelli. Do ponto de vista histórico, a determinação dos militares americanos foi mais marcante do que a feita por Polidrelli”, conclui Anderson Lyra.

Após a partida dos americanos, terminada a Segunda Guerra, a população continuou identificando as ruas do Alecrim pela sequência numérica.

É dos números que eles gostam mais

A marca cultural deixada pelos militares americanos no Alecrim foi tão forte que persiste até os dias atuais. Mais de meio século após a saída das tropas, as ruas do bairro continuam sendo identificadas pela numeração determinada pelos soldados durante a década de 1940.

Caminhando pelas ruas e avenidas do bairro é comum ouvir pessoas identificando os logradouros por números. Para a vendedora Erikelly Michelle Silva, que trabalha no camelódromo da Avenida Presidente Bandeira (Avenida 2), a identificação das ruas por números faz parte da cultura do bairro. “É mais fácil pra a gente se localizar usando os números, né? A maioria das pessoas não conhece as ruas do Alecrim pelo nome, mas sim pelos números. Então, pra a gente, não tem por que usar os nomes oficiais”, defende.

Edvaldo Alves da Silva, também camelô, defende que o emprego de números facilita a localização no bairro. “É natural usar os números e não os nomes oficiais”. Na sua opinião, deveria ser estimulado que as pessoas identificassem as ruas do Alecrim por meio de algarismos. “É diferente [usar números ao invés de nomes]. Só aqui no Alecrim há essa diferença. Acho que a prefeitura devia usar mais os números, como forma de destacar o Alecrim”.



Erikelly Michelle Silva, vendedora



Edvaldo Alves da Silva, camelô

Já Wagner Melo, que trabalha no camelódromo da Avenida 2, é indiferente quanto às duas formas de identificação das ruas do bairro. Para ele “tanto faz” a forma como as pessoas conhecem as ruas da região. O importante, diz, “é vir ao Alecrim para comprar os produtos”. A mesma ideia tem a funcionária pública Suzana Oliveira, que frequenta o bairro desde criança. Considera que o mais importante é cuidar do bairro e melhorar a infraestrutura da região. “O nome das ruas é o de menos”.

Para o natalense, a identificação das ruas do Alecrim por nomes e números é algo natural. Apesar de parecer estranho para marinheiros de primeira viagem, a atribuição dupla faz parte da identidade cultural e histórica da cidade.



Wagner Melo, camelô



Av. Presidente Bandeira (2)

Google Maps

Palco da resistência

Dos poucos sobreviventes do histórico bairro de Natal, a Casa da Ribeira é palco de grandes manifestações artísticas, e um nome tradicional no circuito cultural alternativo, mas sofre constantes ameaças de encerrar as atividades

Por Leonardo Dantas
Fotos: Ricardo Junqueira,
Eduardo Maia e acervo





QUASE ALCANÇANDO A MAIORIDADE, a Casa da Ribeira ainda não chegou à maioridade, mas enfrenta as dificuldades de gente grande. Vive o auge do paradoxo de promover grandes ações em Natal e em São Paulo através de captações em leis de incentivo e premiações em editais, mas enquanto Centro Cultural aberto na capital do Rio Grande do Norte, está mais uma vez ameaçado a fechar. Mesmo assim, seus gestores não perdem o ânimo e prepararam as comemorações dos 17 anos de fundação, que começam com o Festival Internacional Casa da Ribeira Natal – FICA Natal, sob o tema a “Feminilização do Mundo”. Quem conta a história do espaço e o porquê de “ficar” e “feminilizar” o mundo é o sócio-fundador e diretor artístico Henrique Fontes.

O Espaço Cultural Casa da Ribeira foi inaugurado no dia 6 de março de 2001. Mas o casarão tem uma história bem mais antiga e está erguido na Rua Frei Miguelinho há 107 anos. Antes de ser palco das mais diversas manifestações artísticas, o casarão de número 52 era uma pequena hospedaria. Henrique conta que relatos de alguns moradores antigos do bairro da Ribeira afirmam que marinheiros, vendedores e boêmios da região dormiam no primeiro andar do prédio logo após o fechamento dos bares na Rua Chile.

Depois de hospedaria, o local abrigou uma oficina de navios e, em seguida, a Padaria Palmeiras, umas das mais famosas da região. Por volta da década de 60, o imóvel ficou conhecido

como a Casa do Construtor, uma espécie de filial do que hoje é o Armazém Pará, loja especializada em material de construção. Até que em 1988 o prédio foi desocupado e fechado. Quase 10 anos depois, em 1997, foi “descoberto” pelos atores Gustavo Wanderley e Ariane Mondo, que integravam com Henrique Fontes o festejado grupo de teatro “Clowns de Shakespeare”.

“Sempre fui um grande frequentador da Ribeira. Na época do bar Blackout, de Paulo Ubarana. Eu estava quase que de segunda a segunda na Ribeira. Daí essa ligação com o bairro. Na época, nós tínhamos montado a peça “A Megeira Domada”, que foi meio que um trabalho de formação do grupo, e estávamos procurando um lugar para ensaiar e quem sabe apresentar a temporada da peça. Paulo Ubarana nos ofereceu o B-52, que é a parte maior do que hoje é o Galpão 29. Nesse tempo achamos o prédio 52 da Rua Frei Miguelinho bastante deteriorado”, conta Henrique.

O projeto que inicialmente era apenas uma sede de ensaio de um grupo de teatro se tornou algo muito maior. “Acredito que isso aconteceu pelo encontro entre pessoas que queriam um centro cultural independente, um espaço voltado para fruição, um local adequado onde os artistas pudessem fazer suas temporadas, organizar festivais etc. Foi dessa maneira organizado pelo menos nos cinco primeiros anos que existiu. Mas até inaugurar foi uma jornada, porque todo esse processo foi em 1997 e a gente só inaugurou em 2001”.

Peregrinação

Com o patrocínio da iniciativa privada, a partir das leis federal e estadual de incentivo à cultura, o grupo começou a desenhar a ideia da Casa da Ribeira, projetada pelo arquiteto Haroldo Maranhão de maneira a preservar o valor histórico e ao mesmo tempo revelar a intervenção moderna. Henrique diz que ele e os companheiros, 11 pessoas na época, tiveram que fazer praticamente uma segunda “universidade” de produção e agenciamento cultural. “Nós éramos uns moleques na faixa dos 20 anos, sem pais ricos ou políticos, que precisavam desenvolver estratégias de marketing para convencer os patrocinadores”. Uma das maneiras encontradas foi a produção de vídeo com depoimentos apresentando o que seria a Casa da Ribeira. “A gente levava essa VHS, mas quando chegávamos em algumas empresas diziam que o vídeo cassete estava quebrado. Então, um dos nossos amigos tinha uma daquelas TVs ‘canguru’. Quando chegávamos e diziam que não tinham como assistir, a gente pegava a TV, pedia uma tomada e exibia o vídeo. Sabíamos do poder daquelas imagens”.

Uma das primeiras empresas a apostar no projeto foi a antiga Telemar, que se firmou como co-patrocinadora com um inves-



Acervo

O casarão antes da sua revitalização

timento de R\$ 90 mil. Em seguida, o Armazém Pará, que doou 70% do material de construção para a obra, além da cessão do próprio imóvel. No processo de monta-

gem, o grupo chegou a trabalhar por dois anos, cerca de doze horas diárias não remuneradas para viabilizar o sonho. “Um amigo nosso, Sávio, dizia que tínhamos

o sonho da Casa da Ribeira, mas que na verdade era um pesadelo. Era um pouco disso mesmo, a gente dormia pouco e tinha que trabalhar dobrado”. A persistência superou o projeto que muitas vezes se mostrava impossível de se construir. “Não existia mercado, não existia quem ocupasse ou interesse do poder público. Não tinha nada que justificasse ou viabilizasse o projeto. Mas aí veio a parceria com a iniciativa privada e as leis de incentivo, não só da Rouanet, como também da Lei Câmara Cascudo. Foi indispensável a colaboração direta ou indireta, de muitas formas, dos amigos publicitários, jornalistas, artistas e profissionais de diversas áreas que sonharam junto com o grupo”.

Após um curso de marketing cultural custeado com a venda de camisetas da Casa, Gustavo Wanderley, atual diretor de Planejamento e Projetos, teve a ideia, na época, de produzir um evento para que a cidade conhecesse e desejasse o espaço. Assim nasceu “Na Rua da Casa”, um festival multiartístico que passou a ser realizado mensalmente aos domingos. “Foram, sem dúvida, as 19 edições do evento, realizado em frente ao casarão ainda em ruínas, com a participação voluntária de artistas, que o sonho da Casa começou a ser compartilhado com toda a cidade”.



Fotos: Acervo

Henrique Fontes cortando a fita na inauguração da Casa da Ribeira



Grupo que idealizou a Casa da Ribeira na parte superior do local ainda em reforma



Oficina de desenho para crianças no primeiro ano da Casa

Fotos: Acervo



Flávio Freitas pintando a fachada da Casa para o Natal

De acordo com Henrique, a cada mês o público multiplicava-se, mais artistas aderiam ao movimento e a imprensa voltava os olhos para a ideia, projetando-a para todo o Estado. “A TV Cabugi (atual InterTV) e, depois, a TV Ponta Negra entraram como parceiras, cedendo espaço em sua programação para exibir os vídeos institucionais da Casa”. A Cosern iniciou a parceria no ano 2000, como a principal empresa patrocinadora da Casa, realizando até então um investimento inédito em projetos culturais. “Eles entraram com uma cota de R\$ 326 mil, logo depois a Petrobras também acreditou na gente e copatrocinou com uma quantia de R\$ 122 mil. Várias outras empresas locais participaram com permuta de materiais e serviços. A Casa da Ribeira ficou pronta, parcialmente equipada, mas completamente restaurada e pronta para abrir suas portas sob um investimento total de 1 milhão e cento e cinquenta mil reais”.



Cesar Ferrario, George Sand, Fred, Henrique Fontes, Gustavo Wanderley, Fernando Yamamoto, Renata Kaiser e Luciana Lima formavam o Clowns de Shakespeare

Após um período de quatro anos de trabalho de captação de recursos e quatro meses de reforma e construção, o Centro Cultural Casa da Ribeira foi enfim inaugurado, no dia 6 de março de 2001. “A gente trabalhou muito

para inaugurar e gerir a Casa, mas quando surgiu o dia-a-dia, o dia seguinte à inauguração era uma coisa que tínhamos que dar conta. Pior que casamento, que você lida só com uma pessoa, a gente tinha nove funcionários, uma estrutura

para manter e, além disso, o grupo de teatro, que tem uma dinâmica que é louquíssima. Vale ressaltar que apesar de integrantes participarem tanto da Casa da Ribeira como do Clowns de Shakespeare, éramos dois grupos diferentes”.

Eduardo Maia



Henrique Fontes (à esq) ao lado de Quitéria Kelly e Pedro Fiúza na peça Jacy



Sala de Arte Contemporânea localizada no segundo piso da Casa



Ricardo Junqueira

A Sala Cosern de Teatro é climatizada, fica localizada no primeiro piso e conta com 164 lugares

Ameaça

Desde 2001, passaram pela Casa da Ribeira mais de 2,5 mil espetáculos diferentes e cerca de 230 mil espectadores, informa Henrique Fontes. O espaço se mantém graças à criação e desenvolvimento de projetos e locações de pautas. Porém, não há atualmente investimentos privados ou públicos para a manutenção direta da Casa da Ribeira e suas atividades.

“Nesses 17 anos nossa maior conquista foi nos manter funcionando. Apesar de termos fechado por um curto período de tempo em 2003, graças a incentivos privados conseguimos reabrir em cerca de três meses”. Ele conta que a Casa da Ribeira passou por di-



Henrique Fontes é sócio-fundador e diretor artístico da Casa da Ribeira

versas fases. “Antes nós tínhamos apenas um espaço de fruição, e hoje somos uma casa de educação e cultura, que busca conjugar a for-

mação, com a fruição e o fomento”. O local é responsável também por lançamento de editais de ocupação e impulsionamento de projetos.

FICA Natal

Em comemoração aos 17 anos de atuação, a Casa da Ribeira promove, desde o dia 20 de fevereiro, o Festival Internacional Casa da Ribeira Natal – FICA Natal, com o tema a “Feminilização do Mundo”. Segue até 11 de março, com oficinas, performances poéticas envolvendo textos de escritoras potiguanas, e mostra internacional com 13 apresentações e show musical.

Evento criado para fortalecer a cadeia produtiva das artes cênicas do RN, que tem enfrentado grandes desafios. “Viabilizamos o FICA Natal através do edital Caixa Cultural de apoio a Festivais de Teatro. No entanto, a Casa da Ribeira vive em constante ameaça de fechamento. As pessoas que nos prestigiam encontram tudo funcionando, mas não têm ideia da ginástica econômica que fazemos para manutenção e pagamento do número mínimo de funcionários. É um paradoxo”, lamenta o diretor Henrique Fontes.

Além da contradição entre o que oferta e suas dificuldades, o paradoxo a que se refere Fontes também é quanto à marca da Casa da Ribeira, que tem sido reconhecida como um símbolo de qualidade nos projetos inclusive fora do Brasil, mas seus diretores nunca sabem até quando conseguirão manter as portas abertas. “Além deste edital da Caixa [Econômica], a Casa também ganhou, junto com o DoSol, o edital da OI para



Abertura do FICA Natal 2018

realizar o Circuito Cultural Ribeira 2018. No entanto, os editais não são para manutenção do espaço. Não há fundo de reserva para manutenção de um material técnico que precisa de constante atualização”.

É nesse contexto também que vem o termo “FICA”, de ficar em Natal. “Em tempos de rompimentos democráticos, perda de direitos sociais e trabalhistas e de uma escalada de feminicídios e assassinatos de pessoas trans, ficar no Brasil parece um desafio e um assunto frequente nas conversas da classe média. Acontece que ficar ou não ficar aqui ainda é uma questão da elite, porque a maior parte da classe trabalhadora, dos que defendem suas vidas com até um salário mínimo mensal, não tem a condição para viver esse dilema. E se for mulher, ainda tem que encarar uma diferença de até 36% a menos nos salários, em relação aos homens. Daí a necessidade de chamar a atenção do país e do mundo para as questões das mulheres, e tal-



vez feminilizar mais o mundo para sermos mais justos”.

Para Henrique Fontes, a arte é um dos únicos caminhos possíveis para levar do lugar contemplativo para o lugar da ação. “A arte deve falar e nos fazer refletir sobre o nosso presente e nos preparar, nem que seja no plano das ideias, para o futuro, porque quando vemos uma artista doando o seu corpo-presença para nós, que, protegidamente, nos distanciamos dos nossos problemas imediatos, criamos ali uma abertura na existência”.

Vida longa à cultura e à Casa da Ribeira.

Eloisa Klein

Acervo



Bancário escrevente

Obery Rodrigues é mossoroense que coleciona memórias e, aos 93 anos, produz o seu 11º livro. Funcionário orgulhoso de banco por três décadas, recebeu a então miss Brasil Vera Fischer em sua agência

Por Norton Rafael

NO ALTO DOS SEUS 93 anos, o bancário aposentado Francisco Obery Rodrigues conserva um emaranhado infinito de memórias que resistem bravamente ao correr tortuoso do tempo. Mossoroense radicado em Natal, Seu Obery, como é respeitosamente tratado, ostenta o dom de ser exímio contador de histórias. Não a toa, uma conversa vadia no meio da tarde se torna agradável passeio por suas lembranças, que vão desde o cheiro de peixe fresco comprado na praia de Tibau, cidade vizinha a Mossoró, ainda na adolescência aos afazeres inerentes à atividade de bancário.

Em ritmo lento, muitas vezes balbuciando as palavras e fazendo certo esforço para lembrar cada detalhe, Seu Obery nos convida a passear por suas histórias. Ele recebe a reportagem da Revista Bzz em seu confortável apartamento, localizado no faustoso bairro de Petrópolis, zona Leste de Natal. O ex-bancário é quem dá as honras da casa. Mal nos posicionamos em uma das cadeiras de sua biblioteca, que guarda algumas centenas de títulos e diversos CDs, e Seu Obery comenta com bom humor que “não tenho muita coisa para contar. Minha vida foi muito simples, como de qualquer outra pessoa comum. Não falo isso por modéstia, acredite, mas sim para não frustrar as suas expectativas”.

A afirmação de Seu Obery, porém, é apenas o atestado de sua modéstia. Em dezembro do ano passado, ele lançou o seu décimo livro, uma autobiografia, “Minha História – Memórias”, de 434 páginas. A obra narra parte da sua vida, além de trazer registros históricos de sua família, da cidade de Mossoró – sua terra natal – e do Banco do Brasil, onde trabalhou por mais de três décadas.

Em avaliação crítica do volume, Seu Obery considera que o livro ficou aquém de suas expectativas. “Um homem de 93 anos já viveu muita coisa, não é? Se eu fosse contar realmente toda a minha história e todas as minhas memórias, esse livro teria o dobro do tamanho. Mas tá bom, fica como lembrança da minha vida”, avalia.

Mesmo com idade avançada e debilitado fisicamente, com capacidades visual e auditiva limitadas, Seu Obery continua ávido pela produção literária. Enquanto tece análises criteriosas sobre a sua mais recente obra, o escritor está concluindo o seu 11º livro, previsto para ser lançado ainda no primeiro semestre deste ano.

Conforme antecipa Seu Obery, o novo livro reúne crônicas sobre assuntos cotidianos. “As crônicas já estão concluídas e revisadas. Agora falta apenas fazer pequenos ajustes e levar para a edição final. Tenho para mim que este será um dos meus melhores livros”, opina, deixando de lado a modéstia de outrora.



Enquanto aguarda para colocar uma nova obra na rua, costuma passar a maior parte do tempo lendo, assistindo televisão ou ouvindo música clássica. “Veja, praticamente todos os meus amigos já viajaram para a eternidade. Em função da minha condição física, não posso mais passear ou frequentar shoppings e restaurantes como sempre gostei de fazer. Então, levo os meus dias em ler e escrever. Vou assim até quando Deus permitir”.

Apesar do tom melancólico, Seu Obery afasta de si qualquer sentimento de tristeza. Ele reconhece ter sido um homem de sorte, pois conseguiu um bom emprego que lhe garantiu uma vida confortável e constituiu uma vida unvida de muito afeto e carinho. “Sou casado há 70 anos, criei 11 filhos, tenho 17 netos e 12 bisnetos. Preciso de mais alguma coisa?”, questiona.



Seu Obery coleciona memórias e está próximo de lançar mais um livro

Banco do Brasil, um caso de amor

O Banco do Brasil é sinônimo de orgulho imensurável para Seu Obery Rodrigues. Foram 33 anos de serviços prestados à instituição financeira pública, com atuação nas agências de Mossoró, na região Oeste potiguar, e Caruaru, no agreste pernambucano. “Costumo dizer que na minha época trabalhar no Banco do Brasil era considerado o melhor emprego do país. Digo isso porque quem era bancário tinha uma carreira estável, status social e ga-

nhava muito bem”, lembra Obery.

Por toda a pompa do emprego, continua Seu Obery, “todos sonhavam em ingressar no banco. Quando terminei os estudos, eu e meus amigos estávamos loucos para fazer o concurso do banco, que era um prova muito difícil, cobrava conhecimentos de várias línguas, além de matemática bancária. No primeiro concurso que fiz, no início de 1943, não passei e fiquei muito triste. Mas segui estudando com colegas e, em agosto de 1943,

passei no exame e entrei no banco”.

O momento em que assumiu o posto definitivo na agência do Banco do Brasil de Mossoró está guardado com carinho nas lembranças de Seu Obery. Ele conta que estava ávido para iniciar o trabalho e entender como funcionava a operação do banco. “Nos primeiros dias, não conseguia dormir. Sonhava todas as noites com máquinas de calcular e com os trâmites do banco. Às vezes duvidava que fosse aprender tudo

sobre operações financeiras, mas com o tempo fui pegando a prática e fazendo meu trabalho”, comenta com bom humor.

Seu Obery ingressou no Banco do Brasil, em 1943, como responsável pela carteira de registro de títulos de cobrança, passou por vários setores da administração, e, em 1966, assumiu a gerência da agência de Mossoró. “Fui o primeiro mossoroense a se tornar gerente da agência de Mossoró. A norma do banco sugere que o gerente não deve ser natural da cidade, mas acabei assumindo o cargo assim mesmo e permanecendo por sete anos e meio”.

O trabalho de gerente, segundo Seu Obery, era bastante árduo. Além dos afazeres naturais da

função, ser líder de uma agência bancária demanda várias obrigações, entre elas lidar com funcionários intempestivos. “Tinha um funcionário que falava que era muito doente. Ele vinha para Natal toda sexta e voltava para trabalhar apenas na terça-feira. Como ele levava atestado do médico do banco, acabava tendo a falta da segunda-feira abolida. Um dia vim a Natal e falei com o Dr. Moscoso, médico do Banco, e lhe contei a história do funcionário. Ele se comprometeu a não dar mais o atestado. Então, o funcionário apareceu com um atestado assinado por um médico, mas sem o visto do banco. Recusei e o penalizei com falta. Contrariado, ele me denunciou à Direção Geral e escreveu uma carta onde

afirmava que ‘essa direção apegada a normas mesquinhas e retrógradas...’. Jamais esqueci disso. O funcionário acabou demitido do banco. Soube, tempos depois, que ele levava uma vida repleta de problemas”, comenta.

Seu Obery Rodrigues deixou a gerência do Banco do Brasil de Mossoró em 1973, sendo transferido para a unidade de Caruaru. “Confesso que fiquei triste quando deixei a gerência de Mossoró. Acabei passando sete anos e meio lá, quando o máximo permitido era de cinco anos. Mas foi um tempo muito bom, tínhamos uma equipe muito boa. Os funcionários fizeram uma bela homenagem em minha despedida, sinal que fiz um bom trabalho”.



Obery assumiu a agência de Mossoró em 1966

Encontro com Vera Fischer

Um fato marcante da carreira de Seu Obery Rodrigues à frente da gerência do Banco do Brasil de Mossoró aconteceu em 1969. Naquele ano, o gerente recebeu um “presente” inusitado do amigo e cliente César Ferrário Leite, então presidente da Associação Cultural e Desportiva Potiguar. Tratava-se da visita da à época miss Brasil Vera Fischer, que posteriormente se tornaria uma das principais atrizes da teledramaturgia e do cinema do país.

Seu Obery lembra o episódio com bom humor e com a timidez que lhe é característica. Segundo o bancário, a visita da miss à agência bancária causou furor entre clientes e funcionários. “Todo mundo parou para ver aquela mulher, que era muito bonita e chamava realmente muita atenção”, comenta.

Vera Fischer foi atendida por Seu Obery. Ele conta que o amigo César Leite foi responsável por fazer as apresentações e

puxar a conversa. “Convidei Vera para tomar um café em minha sala. César estava junto. Conversamos sobre assuntos cotidianos, com bom humor. Um fotógrafo que estava no local fez algumas imagens do encontro. Foi uma situação muito engraçada”, detalha.

As fotos do encontro inusitado são guardadas até hoje por Seu Obery Rodrigues, junto com outra centenas de boas histórias que ele não cansa de reviver todos os dias.



Quando recebeu a então Miss Brasil Vera Fischer na agência de Mossoró

Leve o NatalCard para a sua escola e garanta a

CARTEIRA DE ESTUDANTE 2018

para os seus alunos!



Saiba +

PASSO 01: A escola atualiza o cadastro do aluno no banco de dados da STTU;



PASSO 02: O aluno recebe o boleto bancário para pagamento através da escola;



PASSO 03: Pagamento do boleto até a data do vencimento;



PASSO 04: Recebimento da Carteira de Estudante na escola.



INFORMAÇÕES:

 (84) 3216-8450 |  ciescalas@natalcard.com.br |  natalcard.com.br



Arte da paz

Projeto de colônia de férias transformou parede de escola pública em mosaico alegre e com mensagens de paz. Ideia que envolveu crianças e comunidade de Mãe Luíza teve apoio de grupo alemão e pode ser o primeiro passo para novas iniciativas na capital potiguar

Por Marksuel Figueredo





SÃO 35 METROS QUADRADOS

de pura arte para quem quiser ver na principal rua do bairro de Mãe Luiza, na zona leste de Natal. “Às vezes reparo que algumas pessoas passam por ali e param para admirá-lo”, diz a estudante Talita Hellen de Oliveira, 12 anos. O motivo de tanto orgulho é que naquela obra há também um pouco do talento da garota que ela nem imaginava ter. “Nunca pensei em fazer um mosaico. Ele ficou lindo”.

Foram muitas mãos para construir o mosaico no muro da Escola Estadual Monsenhor Alfredo Pegado, a mais antiga do bairro, construída na década de 1960 na Rua João XXIII. A obra de arte tem assinatura de 100 crianças da comunidade, que colocaram literalmente a mão na massa em janeiro deste ano, durante as férias escolares.

O mosaico foi planejado e desenvolvido dentro do projeto Colônia de Férias promovido pela Igreja Católica em Mãe Luiza, com o acompanhamento do artista plástico Wendell Batista, que é formado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e trabalha na área há dez anos.

“Foi uma grata surpresa quando recebi o convite para fazer o mosaico com 100 crianças. A gente já tinha dimensão do que queria transmitir, queria propagar uma cultura de paz. A arte também tem esse papel”, declara o artista. A mensagem estava ligada ao tema desenvolvido na colônia, que este ano foi ‘Colônia de Férias: Brincando Pela Paz’.

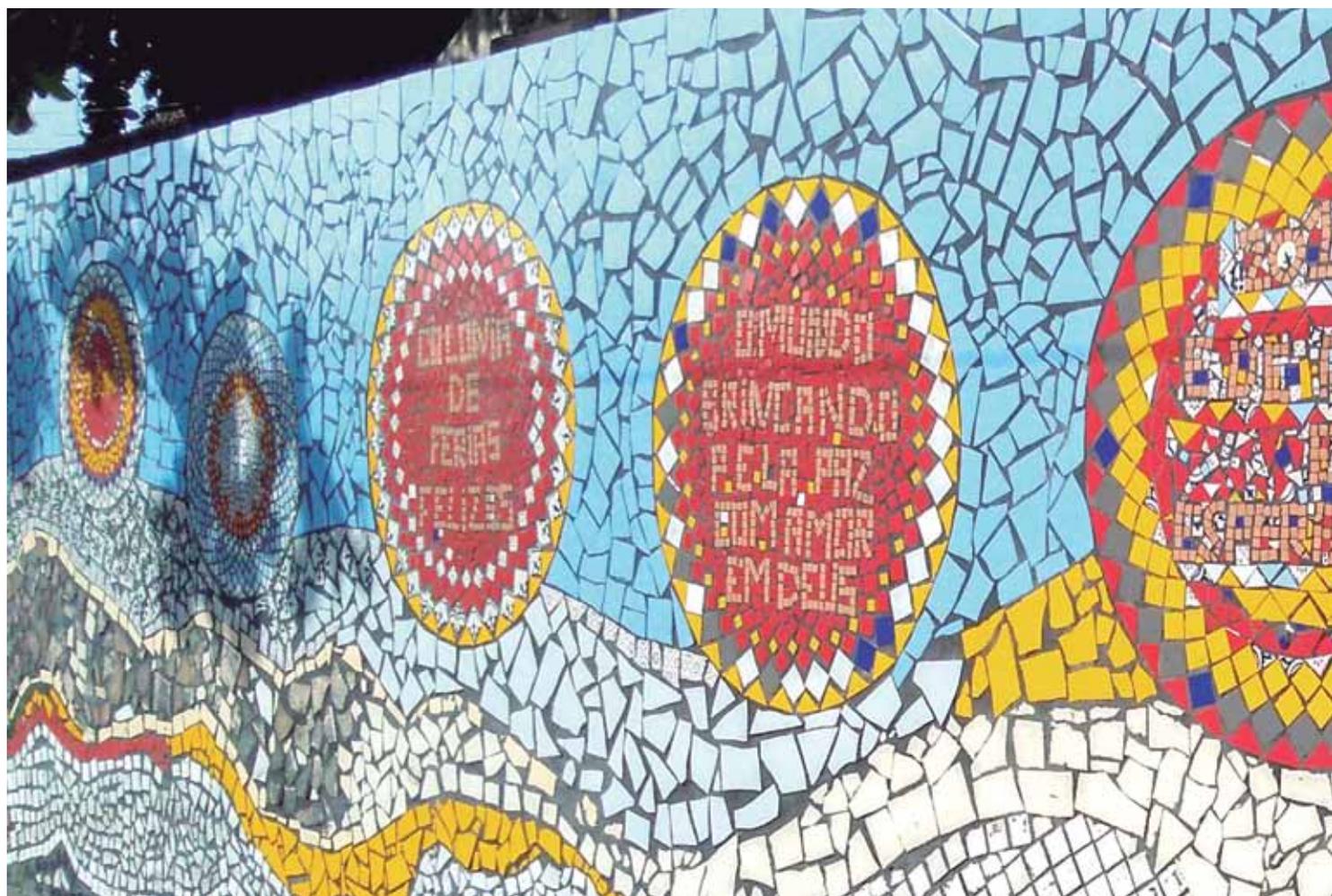
Wendell Batista diz que ficou ainda mais surpreso com o resultado da obra. Eu procurei desenvolver a técnica base do fractal. É uma fórmula mandálica - você produz a arte de fora para dentro. Ouvi a opinião de cada uma daquelas crianças e sentamos à mesa para colocar aqueles pensamentos em prática. É um pensamento que nasce em nós, enquanto seres que percebem o outro, e você vai entrando em si mesmo, na sua subjetividade. Dali extraímos o verdadeiro pensar de cada uma delas”, detalha.

E o “pensar” desses pequenos artistas veio cheio de sentimentos bons. No mosaico exposto no muro, as crianças escreveram palavras que reforçam o desejo da cultura da paz na comunidade. São palavras como “Love”, “Fé”, “Felizes”, “Vida”, “Paixão” e a própria palavra “Paz”, que deu todo o sentido à ideia.

As crianças ainda trabalharam no muro o Símbolo do Centro Sócio de Mãe Luiza, que pertence a Igreja católica. Esse símbolo veio acompanhado de outro marco do

bairro: o Farol de Mãe Luiza. “Eu, por exemplo, pensei em paz para meu bairro quando comecei a fazer o mosaico”, diz Lukas Henrique Rufino, de 10 anos. A aluna Tainá Raíssa Silva dos Santos, 11 anos, fala que ao entrar no projeto não tinha dimensão do que iria colocar em prática. “Mas aos poucos entendi o propósito, consegui deixar o meu recado também. Quero um mundo com mais amor”.

Coordenadora da Colônia de Férias, Edilsa Gadelha conta que o projeto envolveu não só as



crianças, mas a comunidade como um todo. “Acho que esse é o nosso principal troféu. A parte prática do mosaico durou aproximadamente uma semana, que foi quando as crianças foram pôr as cerâmicas no muro da escola. Vimos moradores chegando para ajudar, oferecendo água, suco. Uma verdadeira união. E é disso que o bairro de Mãe Luiza precisa. Acredito que a comunidade passou a enxergar a arte de outra maneira. Sem falar na vida que a escola ganhou. À noite, o mosaico fica lindo, ilumi-

nado, cheio de esperança”.

Mãe Luiza está entre os 20 bairros mais violentos da capital, de acordo com o Observatório da Violência (Óbvio), entidade que contabiliza o número de crimes em todo o Rio Grande do Norte. No ano passado, 12 pessoas foram mortas no lugar. Este ano, o Óbvio não contabilizou mortes violentas no bairro, até a primeira quinzena de fevereiro.

O projeto Colônia de Férias existe há quatro e tem como propósito garantir lazer para crianças

e tirá-las da situação de vulnerabilidade e do cenário de violência, explica o padre Robério Camilo. Este ano, com o tema da paz em discussão, ele lembra que o mais importante foi ver o coletivo entre 100 crianças ganhar força.

“Vivemos em um mundo cada vez mais subjetivo, cada vez mais focado no ‘eu’ e não no ‘nós’. Ver essa extensão de coletividade, cujo objetivo maior desde o início era só somar, sem dúvidas, fortalece o bairro. Essas crianças são o futuro de Mãe Luiza”.



Natal precisa de arte

O mosaico de Mãe Luiza se transformou em uma das maiores obras de arte coletiva difundida em um espaço público de Natal. Para o artista plástico Wendell Batista, no entanto, a capital do RN ainda carece de projetos que busquem desenvolver a cultura da arte.

“Uma obra dessas, em uma comunidade carente, eu tinha feito há quatro anos, no bairro Lagoa Azul, na zona norte. É muito tempo de uma obra para outra,

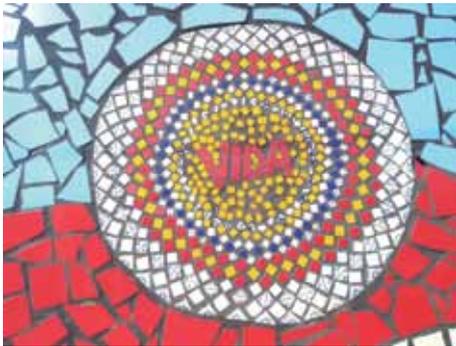
mas esse largo espaço de tempo se deve também pela falta de investimento, de interesse”, lamenta.

Ele lembra que o mosaico mais antigo de Natal foi feito no prédio do INSS da Ribeira, em 1957, por meio de uma parceria entre o poeta e desenhista Newton Navarro e o artista plástico Dorian Gray, mas que na cidade ainda são poucas obras iguais a essa. “Falta investimento e é também uma questão cultural, mas que podemos mudar essa realidade”.

Hoje, o grande desejo de Wendell é propagar a arte mosaica por comunidades carentes de Natal. “Eu ofereço o meu serviço como um meio de transformação. Quero fazer em Felipe Camarão, por exemplo, o que fiz em Mãe Luiza. Existem barreiras para serem quebradas. São duas artes em duas comunidades, mas podemos multiplicar isso. Através do meu serviço, as pessoas podem adquirir a técnica e desenvolver arte do mosaico também”.



Wendell Batista, Edilsa Gadelha e o padre Robério Camilo: trio que fez a arte ganhar a rua



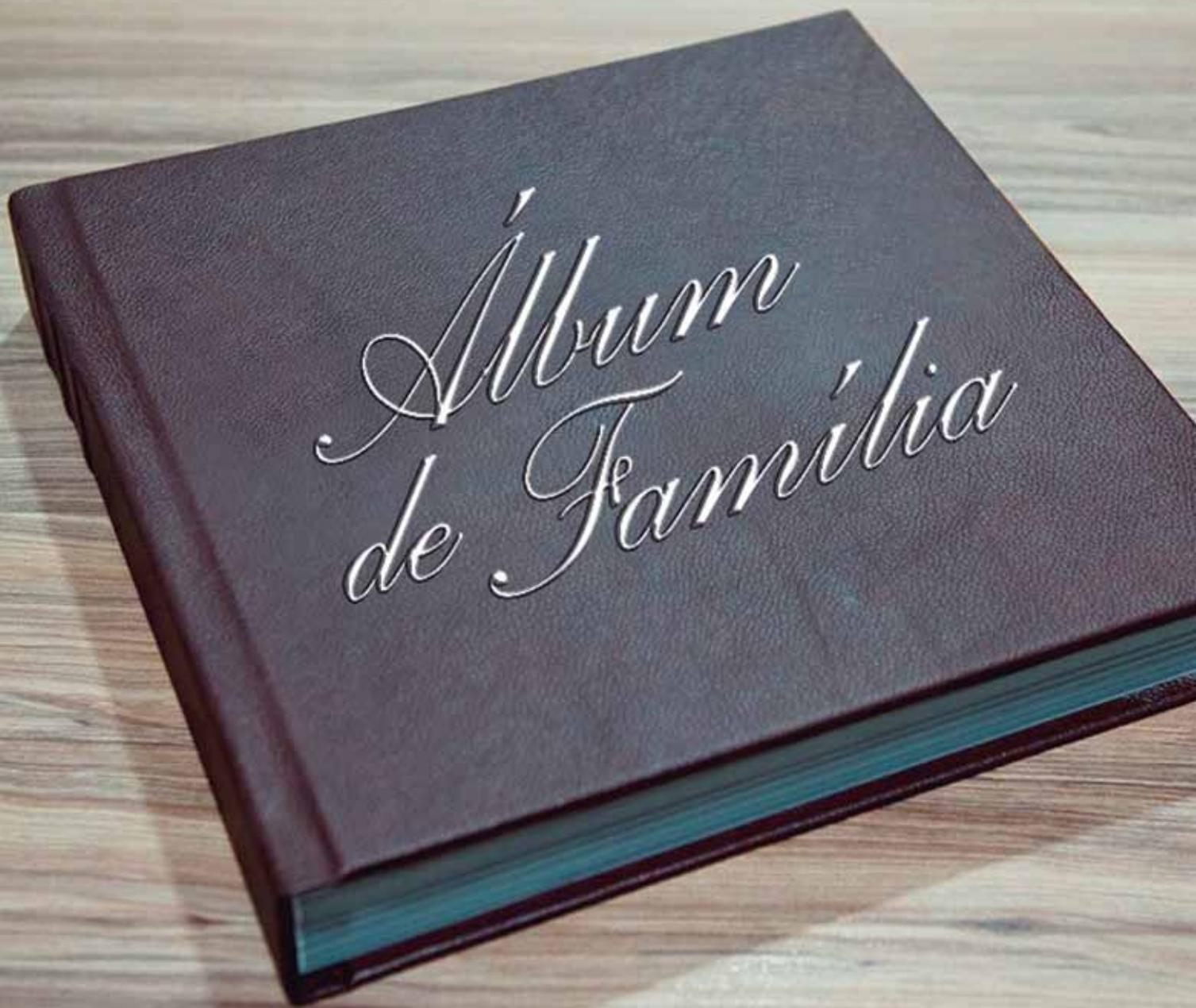
Apoio alemão

O exemplo para a iniciativa da arte vem de fora. O mosaico de Mãe Luiza foi desenvolvido graças ao apoio de uma entidade alemã, que investiu e acreditou no projeto. A instituição Kinder Missions Werk, da cidade de Archen, financia pro-

jetos desenvolvidos por crianças em situação de vulnerabilidade e deu todo o apoio à Colônia de Férias do bairro.

“O que a gente precisa é que o poder público, de forma em geral, enxergue a arte dessa forma, com os olhos de um futuro me-

lhor para as pessoas. Sinto que estamos mudando essa realidade. A partir da obra de Mãe Luiza já fui procurado por uma diretora de escola em Santos Reis. Ela quer promover lá o que fizemos aqui. Estamos no caminho certo”, festeja Wendell Batista.



Casais com décadas de relacionamento: como vivem, de que o amor se alimenta, onde estão

Por Rafael Barbosa

Fotos: Arquivo de família

O AMOR ARTÍSTICO, CHEIO de seus lirismos, de poesia, que flutua nos clássicos romances da literatura mundial. Mas também o amor que abdica, o amor que compreende a sua grandeza e, portanto, existe somente para ser. O amor companheiro, que cuida, que é amigo e que vive as dificuldades de amar, e as entende, as aceita. São tantos significados dentro das quatro letras que, juntas, dão nome a um sentimento, o maior de todos. Quantos desses amores são necessários para viver anos, décadas ao lado da criatura para quem o dedica? Todos.

É bonito ver o amor sobre o qual

tantos escritores já versaram. O amor que transcende e se multiplica, o que é dificultoso também, e o que cai em pranto. Mas, para além das páginas de poemas amorosos, existem os casos reais. As histórias de amor de verdade, que através do tempo contam o que são para não permitir que a triste e vã descrença na benquerença se sobreponha à ternura de amar.

É assim que se apresentam Ormuz e Geiza, Denise e Arnaldo, Dorinha e Ailton. Três casais, todos com mais de 40 anos juntos, que mostram em seus relatos memórias de gente de carne e osso.



Ormuz e Geiza

Ormuz Simonetti, presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, conheceu e se apaixonou pela hoje dona de casa Geiza Simonetti ainda jovem, como também foi com os demais casais. Era 1976, os dois faziam cursinho preparatório para o vestibular, e foi lá que, pela primeira vez, se olharam e sentiram que algo além das salas de aula os esperava.

De lá até aqui são 40 anos de casados e três filhos: Priscilla, Thiago e Milena, além dos quatro netos. A longevidade do casamento, segundo conta Ormuz, não tem

segredo. “É compreensão, escutar um ao outro, não existe casal perfeito. É preciso saber como manter isso de forma saudável, respeitando a opinião um do outro. O pensamento é esse: se amanhã vai estar tudo bem, por que não ficar logo hoje?”, disse.

Para além disso, ele diz que a alegria de sua esposa facilita os dias do casal. “Ela é uma pessoa muito alegre, de fácil amizade. Conhece uma pessoa agora, e já se coloca como amiga. É a característica que mais admiro nela. É diferente de mim, sou um camarada mais fechado, e ela me completa nisso”, elogia.



Denise e Arnaldo

A advogada Denise Gaspar conheceu o engenheiro Arnaldo Gaspar, proprietário do Grupo A. Gaspar, também muito jovem, quando ainda não tinha 15 anos de idade completos. Em um encontro casual na casa de uma amiga dos dois iniciou-se uma paquera. Arnaldo era três anos mais velho. Em uma festa na casa de outra amiga, aí com os 15 anos de Denise comple-

tados, ela começou o namoro com seu primeiro e único namorado.

Cinquenta e sete anos depois do casamento, Denise reconhece que não é fácil manter o relacionamento por tanto tempo, porém fala da felicidade do que ela e o marido conseguiram construir juntos, na união que resultou nos filhos Arnaldo Júnior, Sérgio e Ruy, e sete netos.

“A gente tem que ter, sobre-

tudo, admiração e respeito. Tem que ser fiel, tem que ajudar, sempre. E a mulher é a responsável pelo casamento. Não existe casamento perfeito, porém a gente tem que superar as dificuldades”, aconselha. Em Arnaldo, Denise vê a figura de um homem simples, que “gosta de viver”. É o que mais a encanta no marido, a maneira como ele encara a vida.



Dorinha e Ailton

Em 1953, outra história semelhante a essas primeiras se desenhava, no mesmo cenário: a cidade de Natal. A dona de casa Maria Auxiliadora da Costa Barbosa, Dorinha, havia chegado com os familiares do interior pra se instalar na capital potiguar. Com 14 anos de idade, ia sempre com as irmãs para a escola. No caminho, passava pelas Casas Leite, no Alecrim, onde trabalhava José Ailton Barbosa, de vendedor, ainda com 19 anos. “Um olhou pro outro e foi aquela química”, recorda ela.

Começaram a namorar escondidos, pois a mãe de Dorinha, Dona Maria Marta de Medeiros, Mariquinha, era bastante rígida. Os meses se passaram até que o romance foi oficializado. Foram quatro anos de namoro, até o casamento, em 1957. “Muito amor um pelo outro, superando tudo”, reforça Dorinha.

O matrimônio resultou em cinco filhos: Edna, Myrza, Zulmira, Ailton Júnior e Márcio. Os netos são seis, e ainda tem três bisnetos. “Um relacionamento só dá certo se tiver amor, compreensão e renúncia, dos dois lados”, atesta a senhorinha. São 60 anos de casados. “Ele sempre muito atencioso, gostava de me fazer surpresas”, conta.





Há seis anos, depois de um Acidente Vascular Cerebral (AVC), Ailton vive em cima de uma cama. Depende dos parentes para se alimentar, para o banho e qualquer outra atividade que necessite executar. Nem sempre compreende o que está se passando à sua volta. Mas tem uma pessoa que sempre está lá, ao lado, a sua eterna namorada.

“O fato de ele estar acamado não mudou nada. Apesar de ele não saber, eu converso com ele, falo sobre a música da gente, eu canto pra ele a música da gente. O amor que eu tenho por ele é a mesma coisa. E eu acho que o dele também, só que ele não diz nada. Sou muito feliz de tê-lo ainda ao meu lado, mesmo do



jeito que ele está”.

O amor que superou o tempo, as dificuldades e mesmo a doença, como manda a religião, é o mesmo

que uniu esses três casais. Entre todos, a sensação é a mesma, querem ainda quantos anos puderem estar juntos, como companheiros de vida.



JEAN ROCHA de Milão, Itália

Da Itália para o Brasil

Grupo italiano Ufi Filters chega ao Brasil com nova fábrica e investimento milionário. A empresa é líder mundial no setor de filtros mecânicos e quer introduzir novas tecnologias no país





FUNDADA NO INÍCIO DOS anos 1970, o grupo italiano Ufi Filters é hoje líder mundial na tecnologia de filtros mecânicos. Os seus produtos são usados em múltiplos setores: automotivo, aeroespacial, náutico e nas máquinas industriais. As grandes casas automotivas como BMW, Jaguar, Fiat, Lamborghini, General Motors, Ford, Bentley, Land Rover, Maserati, Mercedes, Porsh e Volvo são seus principais clientes. A marca italiana desenvolve também projetos arrojados para várias equipes da *Fórmula 1*, com alto nível tecnológico de última geração.

Com sede na pequena cidade de Nogarole Rocca, província de Verona, atualmente o gigante grupo italiano dispõe de 14 grandes estabelecimentos produtivos espalhados pela Itália, República Tcheca, China, Coreia do Sul, Índia e Tunísia. Comercializa com mais de 70 países no mundo e acaba de montar a sua mais nova fábrica no Brasil, na cidade de Jundiá, interior de São Paulo, com 1,4 mil metros quadrados, onde serão produzidos os filtros de óleo para instalar nos motores da General Motors. O projeto milionário visa fornecer o produto a todo mercado dos países que integram o Mercosul. A empresa também analisará no futuro outras regiões do Brasil onde grandes fábricas de automóveis estão presentes.

A história e sucesso desse gigante grupo tem nome: o empresário Giorgio Girondi. Quando tinha apenas 25 anos de idade, herdou 6% de ações de uma pequena fábrica de filtros de que seu pai era sócio, na região do Vêneto, norte da Itália. Com o passar do tempo, foi comprando todas as quotas da pequena sociedade que à época tinha pouco mais de 30 empregados. Hoje, Girondi é um dos homens mais bem sucedidos da Itália. No ano passado, seu gigante grupo faturou 435 milhões de euros, quase 2 bilhões de reais. Com quatro mil empregados, o colosso da tecnologia de filtração chega ao Brasil com o projeto de difundir-se e gerar crescimento e tecnologia para o país. Com mais de 40 anos de mercado, eles possuem a própria equipe científica para desenvolver novos projetos tecnológicos e 5% de todo faturamento da empresa vai para o setor de pesquisa.

A Ufi Filters produz e projeta sistema de filtros de (óleo, ar, diesel, gpl e metano e vgt) de alta tecnologia. São 60 milhões de produtos vendidos por ano. Chega a cobrir 95% do mercado europeu. No Brasil, a sociedade se chama Ufi Filters Brasil Indústria e Comércio de Filtros LTDA.



A complicada política verde e amarela

Fui o primeiro jornalista brasileiro convidado pelo grupo italiano a conhecer o novo projeto da nova fábrica brasileira. Em Milão, fui recebido pelo presidente e fundador do grupo, Giorgio Girondi, que me concedeu uma entrevista exclusiva. Antes de começar, ele me pediu que explicasse um pouco da política brasileira. No fim, acabei dando uma pequena aula de como funciona a questão partidária no Brasil, que para um italiano não é tão fácil compreender. O empresário estava muito curioso para saber o que significava as mais variadas siglas dos partidos políticos; PMDB, PT, PSDB, DEM etc. No final, a entrevista virou um bate-papo descontraído sobre o Brasil.

O seu grupo foi fundado em 1972, expandiu-se pela Europa, Ásia e África. E só agora, mais de 40 anos depois, chega ao Brasil. Por que demorou tanto tempo para investir no mercado brasileiro?

Giorgio Girondi: O meu grupo nasceu na década de 70, e naquela época o primeiro mercado estrangeiro que tive oportunidade de entrar foi o chinês. Eu já intuía que a China seria no futuro o maior mercado automotivo do mundo. Na década de 80 circulavam 100 milhões de bicicletas pelas estradas chinesas, mas eu sabia que as bicicletas no futuro seriam carros, ônibus, caminhões, tratores...e não errei. Depois da China, fomos à Índia. Comecei pelos mercados mais difíceis, pois eles têm uma mentalidade diferente da nossa ocidental. E outrora era pior. Tive que ensinar o conceito de “lucro” para as pessoas. O Brasil para mim naquela época estava distante, tanto no aspecto econômico quanto no político, pois vivia uma ditadura militar. E aquilo não favorecia em nada. Era muito fechado. Ninguém sabia nada do que se passava. Agora vejo uma oportunidade muito grande. O Brasil é um gigante mundial em recursos minerais e não pode ser tratado como economia emergente. É uma grande potência. Eu acredito muito no mercado brasileiro. Mas o Brasil deve aprender que para ter mais investimentos estrangeiros deve ter uma política estável e sem burocracias.

A empresa chega ao Brasil com qual objetivo? Vocês querem se expandir no mercado nacional? Conhece outras regiões brasileiras?

GG: A nossa fábrica em Jundiaí, no inte-

rior de São Paulo, com 1.400 m², produzirá inicialmente os filtros de óleo para os motores diesel da General Motors. Investi alguns milhões de dólares. Nós temos um projeto para crescer e fornecer nossos produtos a todos os estabelecimentos automotivos do Mercosul. Vamos olhar outros mercados também. Se conseguirmos clientes no Brasil em outras regiões, como o Nordeste e Norte do país, não tenha dúvida que chegaremos também por lá com nossas fábricas. A Fiat, por exemplo, que é nossa cliente, tem fábrica no Recife, em Pernambuco. Se fizermos uma parceria construiremos algo também no Nordeste. Eu não tenho problema com o local. Posso até construir uma fábrica em Manaus, uma região muito interessante graças à zona franca.

“

O Brasil é um gigante mundial em recursos minerais e não pode ser tratado como economia emergente.”

O senhor conhece outros estados no Brasil? Já foi ao Rio Grande do Norte (mostro algumas fotos de Natal)? A UFI Filters poderia construir uma fábrica lá no meu estado e fornecer as peças para a FIAT de Pernambuco. O que acha da minha ideia? Temos porto e um arrojado aeroporto, um dos maiores do Brasil.

GG: Sua ideia não seria nada mal. Percebo que você tem visão política e econômica. Se fizessemos uma parceria com a FIAT, por exemplo, poderia ser viável. Eu conheci algumas cidades do Brasil, como o Rio de Janeiro, mas a minha visão naquela época era de turista, não empresarial. A sua terra, o Rio Grande do Norte, eu não conheço. Sei que há muitos contrastes dentro do Brasil. Eu estou aberto às propostas.

Fernando Cavalcanti/FLICKR



Festa da tecnologia

Do drone à inteligência artificial, do Bitcoin à Netflix, o evento que encanta a geração dos millennials

Por Cícero Oliveira

Fotos: Cícero Oliveira e FLICKR

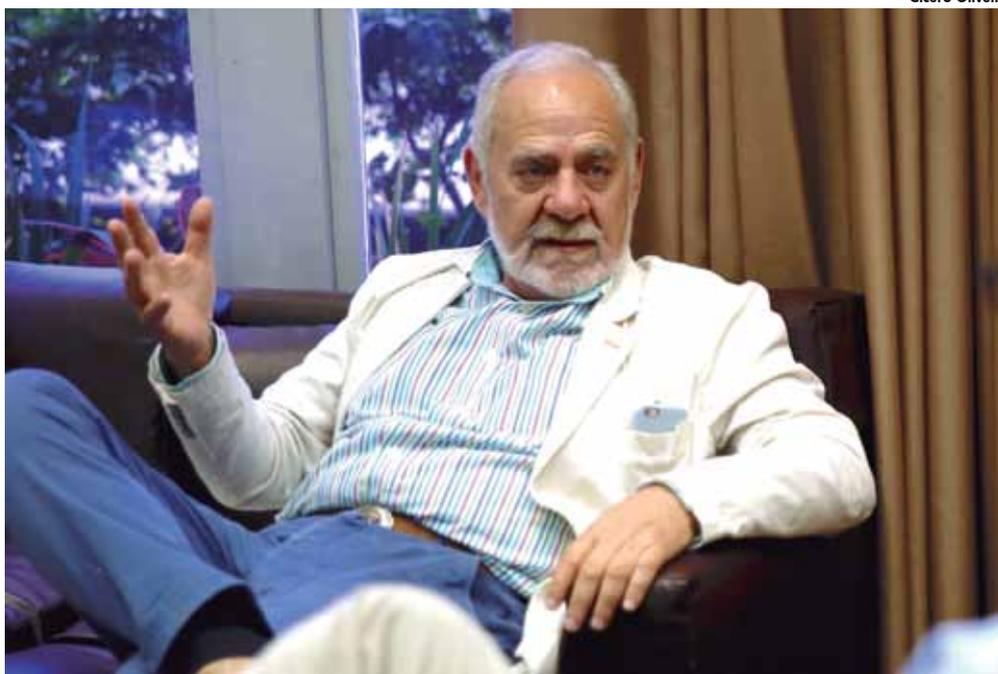


MILHARES DE PESSOAS PREDOMINANTEMENTE jovens interagindo de maneira efusiva, um acampamento com muitas centenas de barracas, programação com atividades ininterruptas durante cinco dias acontecendo simultaneamente em quatro palcos. O cenário pode até lembrar um grande festival de música, mas na verdade trata-se de um dos maiores eventos mundiais sobre novas tecnologias: Campus Party.

Considerada a grande festa dos aficionados por novas tecnologias, acontece desde 2008 em capitais brasileiras. Este ano será a vez de Natal, no Rio Grande do Norte, sediar, entre os dias 11 e 15 de abril, esse verdadeiro festival tecnológico, dedicado principalmente às pessoas que trabalham, estudam ou simplesmente são apaixonadas pelo mundo digital.

O italiano Francesco Farruggia, que preside a entidade organizadora do evento, diz que “a Campus é a maior experiência tecnológica do mundo, uma festa que fomenta o empreendedorismo, as ciências, a criatividade, a inovação tecnológica e o universo digital”. Opinião ratificada pelo professor Dino Lincoln: “A Campus Party, por si só, não é capaz de criar nas cidades que a sediam um ecossistema tecnológico, mas ela percebe o potencial existente e catalisa o processo de desenvolvimento nessa área”.

A Campus Party Natal foi viabilizada a partir de parcerias entre instituições privadas e o poder público, com orçamento aproximado de R\$ 4,5 milhões, quantia proveniente de cotas de patrocínios, da



Francesco Farruggia, presidente da entidade organizadora do evento

comercialização de espaços para expositores e do que é arrecadado com a venda dos ingressos. “Natal

oferece condições suficientes para que se realize uma edição da Campus Party”, considera Farruggia.



Grandes nomes e grandes números

“

Natal oferece condições suficientes para que se realize uma edição da Campus Party.”

Francesco Farruggia

A Campus Party Natal terá agenda que contará com debates em pelo menos 30 áreas do conhecimento, mas haverá um destaque nessa edição para dois temas: as cidades inteligentes e as ciências aeroespaciais. As presenças de Gabe Gabrielle, engenheiro da Nasa, a agência espacial dos Estados Unidos, e de Valentina Tereshkova, a astronauta russa que tornou-se a primeira mulher a ir ao espaço, já estão confirmadas.

O evento terá um palco principal, para apresentações de grandes atrações, e pelo menos outros três locais com atividades alternativas, que juntas totalizarão 250 horas de programação. Salustiano

Fagundes, que é um dos embaixadores da Campus Party, tem a expectativa da presença de quatro mil campuseiros, como é conhecido o público que literalmente acampa no local e participa diretamente das atividades. Além disso, “durante os cinco dias, mais de 40 mil visitantes devem passar pela área aberta do evento, onde se concentram os estandes de muitas empresas ligadas às novas tecnologias”, afirma.

Os organizadores estimam que o volume de dados que transitará na internet equivale aproximadamente à mesma quantidade que todo o restante da cidade consome em igual período, e a conexão utilizada será de pelo menos 20 GB.

Willian Alves/Flickr



Vai ser massa

A CP Jerimum, como já está sendo carinhosamente chamada, aposta em um conteúdo multidisciplinar, tônica da programação do evento, que está sendo organizada com oficinas, debates e palestras, para proporcionar aos participantes uma experiência única: ser o principal ponto de encontro das mais importantes comunidades digitais do país, um ambiente que permite a interação de todos, compartilhando conhecimentos, atualizando-se em relação às tendências e produzindo novidades, tudo isso dentro de um universo no qual a palavra de ordem é inovação.

Salustiano Fagundes aponta a necessidade de se “construir uma nova realidade”, diante das “muitas distorções e existe alguma coisa errada com o mundo”. Atenta: “Estamos passando por um período de ruptura. Assim como ocorreu durante a revolução industrial, o co-



Salustiano Fagundes, embaixador da Campus Party

nhecimento está sendo transformado rapidamente e de forma muito radical. Vivemos um momento de potencial renascimento do conhecimento humano, e como transformar o mundo a partir das novas tecnologias é o desafio que está sendo colocado para as novas gerações”. Isto pode até parecer um tanto ambicio-

so, mas para uma entidade que tem como missão institucional “reescrever o código fonte do mundo”, soa demasiadamente coerente.



Evento é cercado de surpresas aos olhos

Cleber Oliveira



Jovens fascinados por robótica estão sempre presentes no evento



Fernando Cavalcanti/Flickr

Futuro próximo

A CP Jerimum deixará um legado de pelo menos 10 laboratórios de robótica em comunidades carentes de Natal. Mas, para os organizadores o mais importante não é o legado físico, mas sim o fomento ao segmento das novas tecnologias. Novas ideias surgirão, oportunidades de crescimento para empresas startups, propostas de trabalho – grandes empresas ou instituições como

Google e Nasa contratam os destaques da CP – e, como afirma o professor Dino Lincoln, “Natal vai entrar definitivamente no radar das cidades inteligentes, vamos povoar o parque tecnológico que está sendo criado na cidade, trazendo várias mentes brilhantes para Natal, sem contar que vamos fazer a Campus Party mais bonita do mundo, no meio das dunas e de frente para o mar”.



Empresariado e Executivo

Presidente da Fiern é favorável ao pacote fiscal do Governo do RN, mas lembra que a federação há anos elaborou estudo com os mesmos direcionamentos. Defensor da participação de empresários na gestão pública, elogia Dória, embora diga que não se candidataria

Por Norton Rafael

Fotos: Cícero Oliveira e Assessoria



A RECUPERAÇÃO FISCAL E econômica do Rio Grande do Norte está diretamente vinculada à adoção de agenda de cortes no gasto da máquina pública. Pelo menos é o que defende o presidente da Federação das Indústrias do Estado (Fiern), Amaro Sales. Em entrevista exclusiva a Bzzz, o líder industrial defendeu o pacote de reformas encaminhado pelo governador Robinson Faria à Assembleia Legislativa, mas criticou a demora do Executivo em perceber a dimensão da crise financeira que levou o estado à bancarrota.

Batizado de ‘RN Urgente’, o pacote fiscal do governo é composto de 18 medidas, entre projetos de lei e propostas de emendas. A adoção do pacote tem gerado polêmica, uma vez que, entre outros pontos, prevê o aumento da alíquota de contribuição dos servidores estaduais, que saltaria dos atuais 11% para 14%. “São medidas duras, dolorosas, mas que precisam ser tomadas para evitar a falência definitiva do estado”, pondera Amaro Sales.

Atenta sobre o risco de se vender os maiores bens imóveis do Estado para se completar a folha de pagamento do funcionalismo público. Para o empresário, pagar a dívida com os servidores, apenas, deixará um vácuo no futuro, diante de novas dívidas que serão criadas e o estado terá sempre que “vender, vender e vender para pagá-las”. Defende que o governo precisa enxugar a máquina administrativa para deixar do tamanho da arrecadação.

Sobre o pacote fiscal do Executivo

O presidente da Fiern atenta que a crise econômica que abala o RN poderia ter sido minimizada há quatro anos, quando a Casa da Indústria entregou à então governadora Rosalba Ciarlini estudo detalhado das contas públicas e das possibilidades de investimento para minimizar os efeitos da redução da arrecadação e do crescimento dos gastos. “Entregamos o Mais RN para Rosalba, que estava no fim do seu mandato, e depois para Robinson, que estava começando. Nenhum dos dois quis implementar a proposta que trata basicamente das medidas que estão

sendo tomadas agora pelo Executivo”.

Apesar do discurso um tanto ressentido, Sales se coloca à disposição do Governo do Estado para contribuir. Propõe a criação de um pacto envolvendo todos os poderes e o setor empresarial para retomada do desenvolvimento do Rio Grande do Norte. Sobre eleições, descarta sua candidatura, mas acredita que “chegou a hora de os empresários saírem da moita”, em alusão a um termo utilizado pelo empresário Flávio Rocha, CEO das Lojas Riachuelo, que cobra maior participação empresarial na política.

Bzzz: Qual o balanço que a Fiern faz do ano de 2017?

Amaro Sales: Não posso fazer um balanço do último ano sem contextualizar com o que vem acontecendo nos últimos quatro anos. A economia desde 2013 vem enfrentando essa turbulência. Nós tivemos a reeleição da presidente Dilma e, dessa reeleição, começaram a surgir os problemas. Ela acomodou-se e acomodou algumas situações. O país enfrentava cenário de inflação alta e índice de desemprego alto e ela passou a mascarar essas situações. É como você vai varrendo e colocando de baixo do tapete: uma hora o tapete vai dizer que ali não cabe mais lixo. E essa postura dela causou descrédito da economia. Isso não é só aqui no Brasil,

mas em qualquer lugar do mundo há componentes assim: inflação não combina com juros. Quando a inflação aumenta, você tem juros alto também.

“São medidas duras, dolorosas, mas que precisam ser tomadas para evitar a falência definitiva do estado.”

O mercado não tá aí pra agradar ninguém. Nós tivemos no governo Dilma essas questões que o mercado foi cobrando e foi havendo o desaquecimento da economia, chegando a 14 milhões de pessoas desempregadas no fim do governo. Se fizermos um balanço do fim do governo Dilma com o vice-presidente assumindo, no caso Temer, havia por parte do mercado uma desconfiança, mas que começou a dar sinais de recuperação da economia. Então, com Temer, sem nenhum mérito – e aqui não é um comentário político -, o Brasil começa a dar sinais de revigorar a sua parte na economia. Tivemos um final de 2016 para acomodar algumas situações. Vi-



vemos ainda uma das maiores crises institucionais de nossa história, mas vimos em 2017 um cenário bastante animador. Essa animação, do momento que o Brasil vivia para o que passamos a vislumbrar, com queda nos juros, aumento de empregos e oferta de crescimento em vários setores (como o automobilístico, que aquece o mercado), mostra uma recuperação. Então, eu diria assim: saímos de um ano de 2013 muito ruim; 2014 muito ruim também; 2015 talvez o pior da história do país; 2016 com altos e baixos; e 2017 como o melhor dos últimos quatro anos. Essa expectativa de dias

melhores não sou eu que digo. Os grandes empresários e assessorias das grandes empresas indicam que, para 2018, teremos um crescimento acima de 3%. Já é alguma coisa.

Bzzz: Essa mudança pôde ser sentida em nível local também?

AS: Nós temos dois momentos: nível local e nível do Brasil. O Rio Grande do Norte sai também de um cenário muito difícil. Tem economia diferenciada, temos uma excelente diversidade de setores. O estado tem 20 setores que se destacam em sua economia, mas, claro, tiveram papel importante as dificuldades do governo [para agravar a crise]. O governador Robinson assumiu o estado em uma situação de precariedade. A governadora Rosalba já deixou o governo sem condições de quitar a folha e décimo terceiro dos servidores. Ela só o fez porque usou recursos do Fundo Previdenciário. Então, essa dificuldade que ela não teve foi porque tinha dinheiro no Fundo e a Assembleia (Legislativa) autorizou que fossem empregados os recursos para pagar a folha. Eu acho que se está certo ou errado [a utilização do Fundo Previdenciário], o que não pode são os servidores ficarem sem receber seus salários. Cabe à Justiça e compete à Justiça avaliar essa situação, lembrando que a utilização do fundo foi aprovada pela Assembleia. Acho que a economia e o governo têm que andar de mãos dadas porque se o governo faz o seu papel e tem um estado do tamanho de sua economia, claro que não vai ter a dificuldade que enfrentamos hoje.

Bzzz: O Estado tem um tamanho maior do que deveria no RN?

AS: Entenda, o Rio Grande do Norte tem grande diversidade industrial e econômica, mas ainda tem o Governo do Estado como maior emprega-

dor local. O serviço público estadual é maior que a indústria. O Estado, nas três esferas, é maior que a iniciativa privada. Então, esse estado depende do fomento e da situação financeira que vive o poder público. Logo, com a folha elevada, com a repartição que precisa ser feita entre os entes e com a divisão de modelo que aí está, é impossível sobreviver. Tivemos um ano de 2017 com muita dificuldade. A nossa expectativa é que 2018 seja diferente, com a diminuição do tamanho do estado. [Espero que] esses cortes que o governador mandou para a Assembleia sejam aprovados. A Federação defende que esses cortes aconteçam para que o pagamento dos servidores públicos seja normalizado.

Bzzz: Como os atrasos no pagamento dos salários dos servidores afetam a indústria?

AS: Esses atrasos têm afetado todo o funcionamento do Rio Grande do Norte. Para você ter uma ideia, o não pagamento pelo estado da folha de dezembro, do décimo terceiro e de uma parte do salário de novembro traz ao setor industrial, comercial e de serviços um cenário de colapso. O nosso estado está pior que o cenário da economia nacional. Isso acontece porque não conseguiu cumprir o seu papel de estado, em que a folha de pagamento estivesse em dia e os servidores pudessem comprar mais do comércio e, conseqüentemente, da indústria.

Revista Bzzz: Mas houve retração na economia local?

AS: Toda a parte de consumidores, produtores e consumidores foi afetada. Isso é uma cadeia natural. A economia se dá pelo consumo, pela formação das relações entre comércio, indústria, agricultura e serviços.

Bzzz: A Fiern foi consultada para elaboração do pacote fiscal encaminhado pelo governo à Assembleia?

AS: Quando assumimos nosso mandato em 2012, uma das primeiras medidas tomadas foi contratar uma assessoria, no caso a Macroplan – empresa referência em serviços de planejamento –, com o objetivo de desenhar um Rio Grande do Norte diferente. Nossa ideia era criar meios para ter menos Estado e mais produção, com mais pessoas que pudessem contribuir com a economia. Então, na hora em que tivemos esse estudo pronto, em 2014, ele já encon-

trava pontos que podiam ser explorados pelo serviço público. Para mim, esse estudo é um marco para o desenvolvimento econômico do Rio Grande do Norte. Entregamos para o estado um modelo de exploração econômica diferenciado. Hoje, o Mais RN é o melhor programa que o governador do estado poderia se aliar para receber e enfrentar essas dificuldades que temos no estado. Para você ter uma ideia, esse estudo, em 2014, já falava do tamanho

excessivo da administração pública. O estudo foi entregue a Rosalba, já no fim de seu mandato, e depois entregamos uma cópia ao governador Robinson. E qual a leitura do estado que faz esse trabalho? Ele fez um diagnóstico do estado, mostrando todos os pontos de sua economia. Todos os projetos implementados antes de 2014 foram mapeados, incorporados e descritos. Ele também mostra quais são as oportunidades de negócios que podem ser aprimorados e explorados. O Mais RN também indica as principais cadeias produtivas que têm grande potencial de desenvolvimento, passando desde a área de mineração, petróleo, energia, água. Tudo está lá no Mais RN para mostrar quais são os setores que têm mais importân-

“
Isso que o governo está propondo hoje está compilado no Mais RN.”

cia para o estado. Empresários também encontram no estudo os gargalos, como a questão do porto, de algumas estradas, dos acessos ao aeroporto. Em 2014, nós já falávamos dessas dificuldades. Quando falamos do tamanho que representa a repartição do dinheiro para os entes públicos (MP, TJ, TCE, AL), lá atrás, em 2014, o nosso estudo já alertava que o estado não sobreviveria a esse tamanho. Então, isso que o governo está propondo hoje está compilado no Mais RN. A Federação deu essa contribuição, mas confesso que esperávamos que o governo usasse mais esse trabalho.

Bzzz: Então a Fiern entende que o governo estadual perdeu o timing em relação aos ajustes fiscais?

AS: Eu acho que o timing para fazer as mudanças era quando o governador tivesse iniciado a sua gestão. Ele deveria ter feito a utilização desse produto [o Mais RN] para diagnosticar os gargalos da administração pública. Mas é como diz aquele ditado: antes tarde do que nunca. Entendo que o governador está tomando essas medidas tarde, mas vejo como uma oportunidade para trazer maior tranquilidade aos servidores públicos. Imagino que o modelo atual está vencido. Tem que se procurar, junto com Assembleia, Tribunal de Contas, Tribunal de Justiça, um novo modelo. Se nós não fizermos um pacto pelo desenvolvimento do Rio Grande do Norte, não vai avançar nada. O governador sozinho não tem como, com braço de ferro, resolver todos os problemas.

Bzzz: A Federação concorda com todos os pontos do pacote fiscal do Executivo?

AS: Os técnicos chegam para o governador e dizem: “olhe, tem que vender o patrimônio, tem que vender

os bens que o Estado tem”. Aí o que é que ainda resta no nome do governo? O Centro de Convenções, o Centro de Turismo, a Ceasa, o prédio do DER, a tão sonhada Caern. Mas, você concorda comigo que se for para vender esses bens só para completar a folha não vai adiantar nada? A venda desses bens só vai servir para aliviar a conta atual, pagar a dívida com os servidores. E o que vai acontecer no futuro? Novas dívidas serão criadas e o estado vai ter que vender, vender e vender para pagá-las. O estado precisa enxugar para deixar o seu tamanho no tamanho da sua arrecadação. Esse projeto [fiscal] precisa ser votado às claras, para

“

Esse projeto [fiscal] precisa ser votado às claras, para que a sociedade saiba o que será feito com o dinheiro arrecadado em possíveis vendas de bens públicos.”

que a sociedade saiba o que será feito com o dinheiro arrecadado em possíveis vendas de bens públicos. Pode-se vender a Caern amanhã, como venderam a Cosern há alguns anos, para tampar o rombo. Mas veja o que é a Cosern hoje. Quando foi vendida dava prejuízo todos os anos, tinha um cabide de emprego, tinha um inchaço enorme, e quando foi vendida passou a ser mais eficaz, começou a arrecadar mais para o estado – sendo fonte de dinheiro para o estado -, e a Caern, se for privatizada, tem que ser desenhado um modelo para que os recursos de sua venda sejam aplicados

no desenvolvimento do Rio Grande do Norte. O governador precisa chegar e falar: “vamos fazer um novo porto em Natal com o dinheiro das privatizações”. Isso é investimento. O que defendemos é que tudo que o estado venha a se desfazer seja empregado em obras para investimento.

Bzzz: A crise também afeta a Prefeitura de Natal...

AS: Imagino que a Prefeitura de Natal sofreu menos [que o Estado]. Ela estava mais enxuta, com mais fôlego para aguentar esse momento que a gente passou.

Mas também tem que manter a preocupação em fazer o dever de casa. Ano passado, a prefeitura aumentou vários impostos, como o IPTU, e isso não é bom para administração.

Bzzz: Algumas grandes empresas, como a Alpargatas, estão deixando o RN. Como a Fiern tem reagido a saída desses grupos do estado?

AS: As empresas que estão inseridas em projetos de beneficiamento fiscal devem ser cobradas. Eu não defendo as empresas que aqui se instalam recebem recursos e, depois de alguns anos, afivelam suas malas e vão embora. Nós defendemos que todo estado tem que ter seus benefícios fiscais, até porque há uma briga fiscal. Se o Rio Grande do Norte não der um benefício fiscal, a Paraíba e o Ceará estarão de boca aberta esperando para oferecer vantagens para as empresas. Mas temos aqui empresas grandes, como a Guararapes, que é a maior empresa de confecções da América Latina. É motivo de orgulho para todos nós ter empresários como Flávio Rocha e Nevaldo Rocha oferecendo mais de 10 mil empregos diretos no estado. Temos ainda o Café Santa Clara, que é a maior empresa de torrefação do Brasil. Temos também a Coteminas e outras grandes empresas que geram emprego e renda. Todas elas têm uma representação importante para a economia nacional e estão aqui porque recebem incentivos para isso, além de demonstrarem interesse em permanecer no estado. Elas têm benefícios fiscais, mas contribuem ofertando muitos empregos. Se você trocar o que o estado 'gasta' em benefícios fiscais com a quantidade de empregos ofertados, nós temos que cada emprego custa 500 reais para o estado. Eu tenho uma visão de que é muito melhor o estado dar 500 reais como benefício fiscal para uma empresa e manter

um emprego do que ter 250 mil pessoas desempregadas como há atualmente. Então, se você tem 250 mil desempregados, quisera nós tivéssemos 20 Guararapes nos dando emprego. Quando você fala algumas que empresas vieram aqui, como a Alpargatas e Sulfabril, e foram embora, aí cabe ao Estado fiscalizar e cobrar dessas empresas o cumprimento do contrato, pois se está escrito no contrato deve ser cumprido.

Bzzz: A guerra fiscal prejudica o RN?

AS: A guerra fiscal tinha que acontecer. O problema é que o Rio Grande do Norte foi lento para atrair grandes empresas. Você imagina que a Fiat/Jeep foi para Pernambuco quando Lula era presidente e Pernambuco tinha muita força em Brasília. O Rio Grande do Norte não tinha como competir. Perdemos uma refinaria [de petróleo e gás natural] para Pernambuco em função do poder político do ex-presidente Lula, que queria beneficiar o seu estado. Hoje, estamos perdendo essa guerra fiscal para a Paraíba, a nossa coirmã. O estado da Paraíba, economicamente, está mais arrumado que o Rio Grande do Norte. Agora, você tem que fazer uma avaliação. Só olhando os números. Se você faz uma leitura do estado da Paraíba e compara com o Rio Grande do Norte verá as diferenças. O custo da Paraíba é menor que o nosso, no que se refere ao empenho do estado com contas públicas. Então, esse prejuízo que o Rio Grande do Norte tem de 100 milhões de reais por mês, na parte da Previdência, é o que resulta no final do ano em um déficit de 1,2 bilhão de reais, que seria o dinheiro para pagar a folha de servidores de novembro, dezembro e 13º salário. Isso, é claro, é matemática. O que precisa ser revisto é isso. Não adianta o estado ter um programa de investimento, ter um programa de atração de novas empresas. As empresas só virão para o Rio Grande do

“

O que defendemos é que tudo que o estado venha a se desfazer seja empregado em obras para investimento.”

Norte se elas tiveram vantagens. Empresário não vai para um estado por amor à pátria. Nesse ponto, tiro o chapéu para Nevaldo Rocha, Flávio Rocha e Pedro Alcântara, que estão no Rio Grande do Norte porque são potiguares e permanecem aqui só por isso.

Bzzz: Ano passado, uma polêmica entre o Ministério Público do Trabalho e a Guararapes colocou em xeque um dos principais programas de desenvolvimento do Executivo, o Pró-Sertão. Como a Fiern enxerga esse imbróglio?

AS: O Pró-Sertão é um programa belíssimo que qualquer estado abraçaria. O Pró-Sertão está na região do Seridó, que não chove há seis anos. Os reservatórios estão todos secos, não há produção agrícola. Então, a Guararapes, a Hering e outras empresas apostaram no Seridó e passaram a comprar a produção de pequenas facções, apostando na força do Pró-Sertão. Na hora que nós temos um projeto como o Pró-Sertão, o empresário era para ser recebido na porta da cidade, na porta do estado, pelo governador do Estado, pelos órgãos fiscalizadores do estado, porque o empresário está trazendo benefícios para

a população local. Mas a forma como estão tratando os empresários aqui no Rio Grande do Norte, principalmente o setor que fiscaliza, o setor que não se preocupa com o salário, não se preocupa com a empregabilidade, aí sim está um desastre. O que nós entendemos é que, diante de uma crise, deveríamos incentivar a Guararapes, a Hering e as outras empresas de confecções a comprar mais produtos produzidos no estado. Participei de um seminário que aconteceu aqui na Federação em que o dono da Centauro também participou. Ele me falou: “Presidente Amaro, me instalei na Paraíba porque foi criado um ambiente melhor na Paraíba do que no Rio Grande do Norte”. Ele não quis levantar questões, mas

disse que tinha mais vontade de vir para o RN do que ir para a Paraíba, mas acabou instalando um grande centro de distribuição lá. Então, esse episódio da Guararapes vai afugentar os empresários que querem vir.

Bzzz: Há alguma solução para o litígio entre órgãos fiscalizadores e o setor empresarial?

AS: Precisamos ter uma harmonia entre o setor público e o setor empresarial. Esta casa aqui, a Fiern, tem condição de participar mais das negociações entre empresas e poder público, mas só somos chamados numa esfera em que não temos como ajudar mais.

A Federação das Indústrias, junto com o Sistema S, está à disposição para ajudar, afinal esse é o nosso papel social. Queremos ajudar as empresas, grande, pequena ou média, a crescer no Rio Grande do Norte.

Bzzz: Como está a relação entre Fiern e CNI?

AS: O Sistema Fiern tem um relacionamento excelente com a presidência da CNI. Até porque fazemos parte da atual diretoria. Claro

que alguns projetos do Rio Grande do Norte, através do Sesi e do Senai, estão sendo executados. Inauguramos recentemente uma escola na zona Norte de Natal, com capacidade para mais de mil alunos, com o objetivo de abranger estudantes de São Gonçalo do Amarante, Extremoz, Ceará-Mirim e da própria zona norte, e entregá-los qualificação para o mercado de trabalho. Foi feito um investimento de 20 milhões de reais neste espaço. É uma contribuição que fazemos, através do presidente da CNI, Robson de Andrade, para o desenvolvimento social do estado. Eu diria que tudo que a gente leva como projeto temos conseguido o apoio irrestrito do Sistema Nacional.

“

O custo da Paraíba é menor que o nosso, no que se refere ao empenho do estado com contas públicas.”

Bzzz: O senhor também tem outras atribuições em níveis regional e nacional...

AS: Isso. Além da presidência da Fiern, tenho duas outras missões: sou presidente do Conselho da Micro e Pequena Empresa do Brasil e também sou presidente da Associação Nordeste Forte. São missões que demandam muito trabalho, mas que ao mesmo tempo querem formar uma cadeia de desenvolvimento forte para o país e para o Nordeste, principalmente.

Bzzz: 2018 é um ano eleitoral. Qual será o posicionamento da Fiern?

AS: Diria que o Brasil, até pela crise política e econômica, vem mostrando que existe também a possibilidade de mudanças na parte das candidaturas. Vejo um empresário como João Dória sendo eleito em São Paulo. Vejo [Alexandre] Calil sendo eleito prefeito de Belo Horizonte. Então, são vários empresários começando a colocar suas caras na política. Agora é a oportunidade daqueles empresários que têm o desejo de ingressar na política fazer a sua parte. Eu não quero desmerecer os políticos de carreira, os sérios. Há muita gente capacitada no Rio Grande do Norte e no Brasil que está na política há muito tempo, mas precisamos de novas caras no poder público. Se você me perguntasse há dois anos, diria que empresário deveria cuidar apenas da sua empresa, mas hoje defendo que os empresários também devem dar uma contribuição na política. Como diria Flávio Rocha, é preciso sair da moita e dar a cara a bater. Acredito que, no cenário nacional, vai haver mudanças e no cenário local também se acompanhará esse movimento de entrada de empresários na política. Eu, particularmente, não tenho nenhum desejo político, não tenho nenhuma vontade de participar do Executivo ou do Legislativo, mas, como empresário e presidente da Fiern, posso dar meu apoio para melhorar o Rio Grande do Norte.

Bzzz: Algum empresário local deve se lançar candidato nas próximas eleições?

AS: Alguns nomes estão aparecendo, principalmente de grandes empresários. Temos Luís Roberto [Barcelos], que é do setor de fruticultura, que já colocou seu nome à disposição; temos também o empresário Tião Couto, lá de Mossoró, que já concorreu às eleições em Mossoró, também como pré-candidato. Há também Jorge do Rosário, que colocou seu nome à disposição. Posso citar ainda Marcelo Queiróz, José Vieira, são nomes que estão surgindo e isso é muito bom para o estado. O eleitor vai ter a oportunidade de escolher, nesse quadro, empresários bem sucedidos e que podem dar uma grande contribuição ao estado.

Bzzz: E no país?

AS: Em nível nacional é mais amplo. Eu apostaria que um empresário como Flávio Rocha colocará o seu nome [para disputa presidencial]. Ele pelo menos já teria um eleitor [risos]. Mas parece que já declinou, disse que não aceita participar do processo eleitoral. Acredito que nomes vão surgir. Talvez o João Dória ou o presidente da Fiesp, o Paulo Skaf, despontem como candidaturas fortes. Isso é ótimo para o país.

Bzzz: Seu mandato à frente da Fiern acaba em 2019. Há alguma intenção de continuar no cargo após esse período?

AS: Eu não entendo que este seja o momento para discutir isso, até porque ainda tenho dois anos de mandato. Temos os eleitores, os presidentes de sindicato, que têm que decidir os rumos da próxima gestão da federação. Estou focado em terminar o meu mandato honrando os compromissos firmados desde que assumi a Casa.

Carreira profissional

A trajetória profissional de Amaro Sales teve início ainda na infância. Ao lado do pai, Virgílio, ele trabalhava duro na padaria da família, localizada no bairro das Rocas, zona Leste de Natal. Ali, inundado pelo calor dos fornos que assam massas, lapidou a veia empresarial que carregaria para o restante da vida.

Quarto de sete filhos, o hoje presidente da Fiern conta que não almejava sonhos tão elevados quando começou a administrar a padaria da família. “Para mim era uma brincadeira ajudar meu pai na padaria. Quando a gente é criança não exer-

ga o trabalho com responsabilidades de adulto. Só que, com o passar do tempo, fui pegando gosto, jeito pela administração, e construindo minha carreira”, conta.

Consolidado na administração da padaria da família, Amaro ingressou no Sindicato da Panificação. “Passei em todos os setores que um sindicato pode ter: de carregador de mala à presidência, onde fiquei por três mandatos e trilhei o caminho para chegar à presidência da Fiern”.

No segundo mandato consecutivo à frente da Casa Industrial do Rio Grande do Norte, Amaro

deve deixar o cargo no final de 2019, quando está prevista a posse da nova direção para mandato do período 2020-2024. O industrial não antecipa se participará do pleito. “Ainda tem muita coisa para acontecer”.

Pai de três filhos, Amaro Sales cuida da família e de mais três empresas que administra com os filhos, todas no ramo de alimentação. Possui uma distribuidora, uma fábrica de congelados e produz produtos variados para padarias. “Olho para trás e tenho orgulho da carreira que trilhei e dos sonhos que consegui cumprir”, comemora.



Fotos: Marcos Neto

Experiência indo-asiática na capital do Brasil

TAJ Bar reúne decoração de Bali, música, bela vista, pratos asiáticos requintados e drinks diferentes

Por Camila Pimentel

Fotos: Haruo Mikami



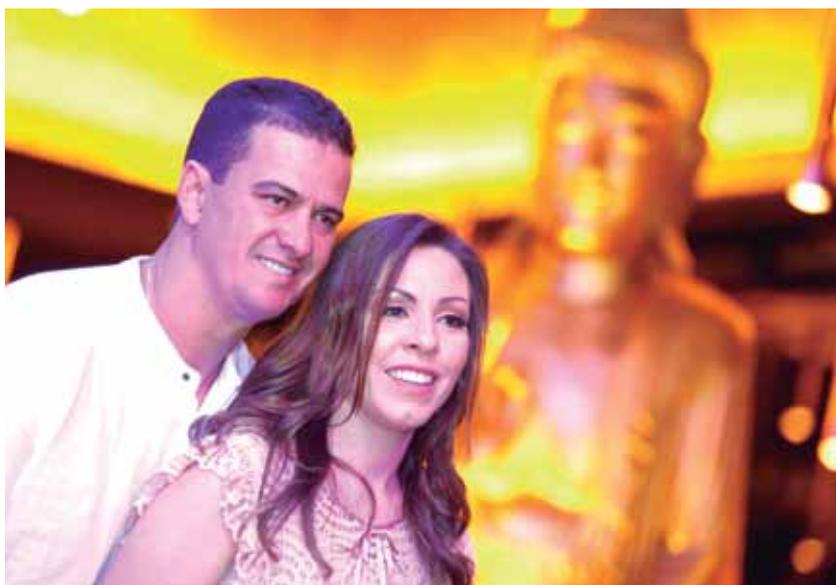


TECNOLOGIA, INOVAÇÃO E A busca da perfeição são as ações e palavras de ordem do Século XXI. A sociedade está cercada do conceito de vender exclusividade e luxo. Em Brasília (DF), essa ideia está também no segmento de bares e restaurantes. Em julho do ano passado, chegou à capital federal o TAJ Brasília, longe-bar inspirado na cultura e gastronomia indo-asiática.

Como já era de se esperar, o TAJ Bar logo se tornou o preferido dos deputados federais, principalmente da bancada jovem, como Mariana Carvalho (PSDB-RO), Wilson Filho (PTB-PB), Rafael Motta (PSB-RN).

O bar e restaurante surgiu em Curitiba (PR) e, durante uma viagem com o marido, a empresária Débora Araújo despertou o desejo de abrir o mesmo empreendimento no Planalto Central. “Sempre tive o sonho de abrir em Brasília algo na área de entretenimento, mas que tivesse um diferencial. A ideia de trazer o TAJ aconteceu quando tive o prazer de conhecer a vida noturna de Curitiba através de uns amigos que me convidaram junto com o meu esposo, Rossano Araújo, para o casamento deles. Após duas visitas, fiquei extremamente encantada e convicta de que tinha encontrado o projeto certo para trazer para Brasília. No ano de 2012, iniciamos as negociações e hoje estamos aí fazendo parte do grupo com uma casa de sucesso na capital federal”, comemora Débora.

A proposta de exclusividade do bar é o ingrediente principal do sucesso. “Acreditamos que o nosso público principal está na faixa etária de 25 a 45 anos. A proposta do TAJ é única em Brasília. Somos hoje um longe-bar cuja a ideia principal é vender experiências, já que o TAJ consegue despertar os cinco sentidos das pessoas, por se tratar de um

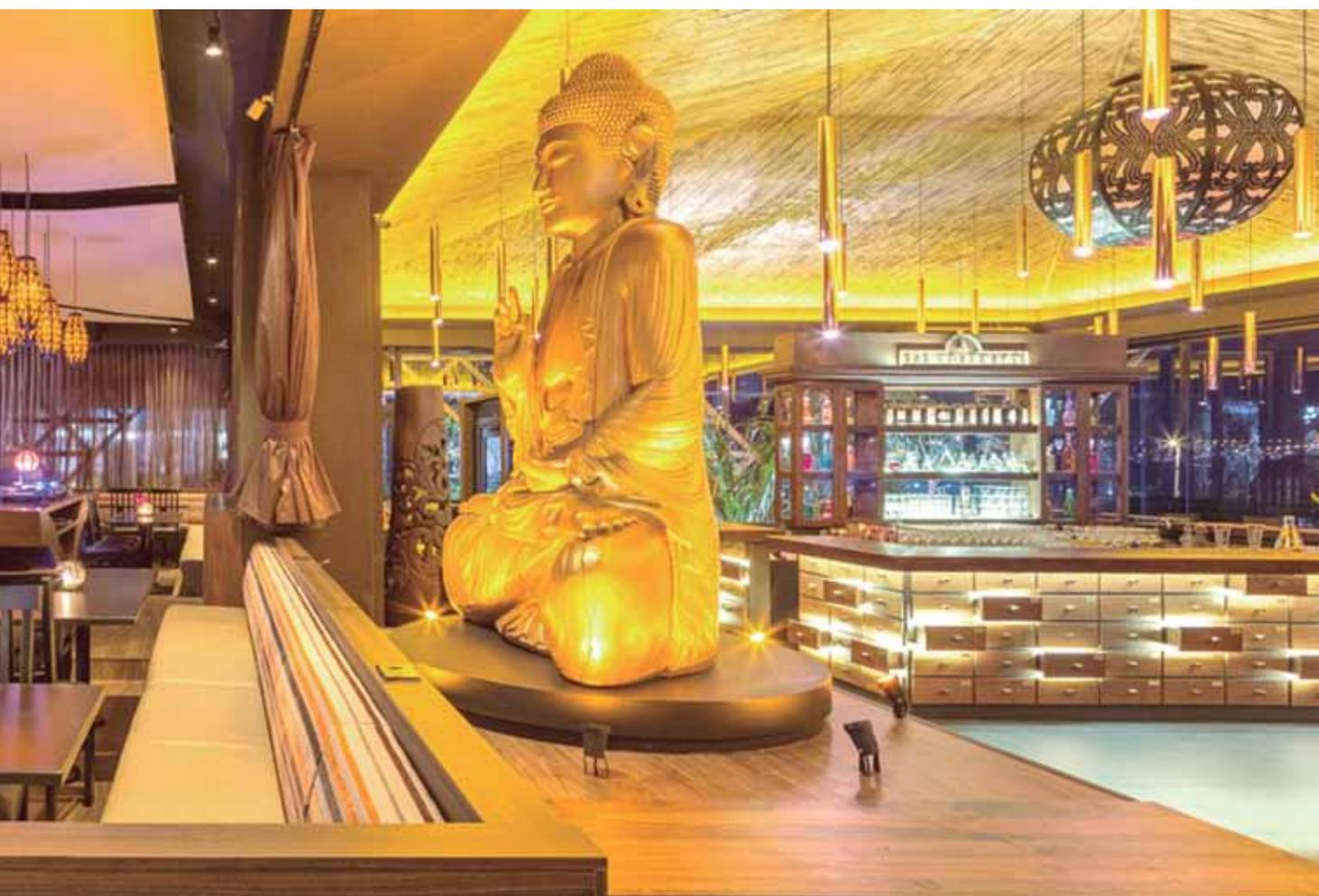


Rossano e Debora Araujo



local que possui um ambiente extremamente agradável e descontraído, projeto arquitetônico exuberante e localização privilegiada com vista de frente para o lago”, destaca a empresária.

O empreendimento fica no Setor de Clubes Sul, com estrutura de 1,5 mil metros quadrados, apresentando conceito inovador e sofisticado de estabelecimento gastronômico em decoração moderna nos dois andares decorados com budas e esculturas da Indonésia.





Drink hibiscus

Sabores

O menu da casa traz fortes influências da cozinha oriental – cardápio de sushis variados, além de marcantes pratos quentes, ligados às gastronomias indiana e tailandesa. O prato mais pedido classificado como petisco é o Combinado Mahal, que vem com espetinhos satay de filé mignon, frango, rolinhos primavera de legumes e salmon cakes. Acompanha ainda o molho agri-doce de maracujá, molho picante de amendoim e molho sweet chilli e abacaxi. Já o prato principal mais pedido é Ceviche Misto, com cubos de peixe branco, salmão, atum e polvo marinado no tradicional leite de tigre, pimenta, cebola roxa, coentro e rodela de batata doce. Destaque ainda para o Pad Thai (tradicional macarrão de

arroz tailandês), que pode vir com filé mignon, com frango ou frutos do mar.

Os drinques são um capítulo à parte, inspirados na coquetelaria das farmácias de 1940, criados por um bartender e servidos em recipientes no formato de xaropes medicinais, tubos de ensaio, becker de vidro e provetas. Os mais pedidos são Phamarcy Mule (vodca Ketel One, uvas verdes, hortelã, limão, abacaxi e Cini Gengibirra) e Hibiscos Gin Tonic (gin Tanqueray, água tônica, gengibre e limão siciliano).

Em cinco meses de funcionamento, o TAJ Bar correspondeu às expectativas iniciais da inauguração, afirma Débora Araújo. “Atendeu sim, na sua plenitude, com destaque para as sextas-feiras, onde temos um

giro de mais de mil pessoas, com um ticket médio bem satisfatório”. A casa recebe por semana uma média de três mil a 3,5 mil pessoas.

A ideia é continuar com inovações em 2018. O TAJ está preparando novo menu de pratos e drinques. Além do lançamento da TAJ Store, uma loja com produtos exclusivos da marca.

Além de Brasília e Curitiba, o TAJ Bar também marca presença no Balneário Camboriú (SC) e Foz de Iguaçu (PR). Em breve abrirá uma unidade em Assunção, capital do Paraguai.

E já conta com premiações. Foi eleito o melhor bar do Brasil duas vezes consecutivas pelo prêmio Cool Award, em 2014 e 2015, organizado pela Revista Cool Magazine.



Combinado Mahal



Mule



SEM LENÇO, SEM DOCUMENTO

Apesar de ainda engatinhar quando o assunto é curtir as belezas naturais como viemos ao mundo, as praias do RN são convite a praticantes de nudismo

Por Ana Caroline Carvalho

EM TEMPOS DE NUDES, o corpo despido em público ainda representa certo tabu para alguns. Já para os praticantes do nudismo, tirar a roupa nas praias é ato que está ganhando espaço mesmo em lugares onde ainda há resistência. Mas tramita na Federação Brasileira de Naturismo (FbrN) um pedido de oficialização de praia potiguar para a prática.

O nudismo figura como prática do movimento naturista que consiste na não utilização de vestuário para atividades recreativas em ambiente social. Em todo o Brasil, há oito praias registradas para a prática do nudismo. Ou seja, tiveram algum tipo de aval do poder público para isso. No Nordeste são duas: Praia das Dunas, em Massarandupió, na Bahia, e Tambaba, que fica no município de Conde, na Paraíba.

Ilha da Costinha,
Porto do Mangue

Nus no RN

No Rio Grande do Norte, o nudismo ainda é tímido, em grande parte por não existir no estado praias direcionadas à prática. Em terras potiguares, quem tem curiosidade de curtir um dia de sol como veio ao mundo precisa de espírito aventureiro para encontrar lugares mais desertos, como fez a jornalista Kátia Azevedo.

Durante uma viagem de excursão a Porto do Mangue, município localizado no Vale do Açu, Kátia descobriu, por meio de informações de guia local, a Ilha da Costinha, entre o Rio das Conchas e o mar, onde ela pode curtir as belezas tropicais sem roupa. Depois de visitar a famosa paraibana Tambaba para matar a curiosidade, a jornalista não pensou duas vezes quando viu a oportunidade de aproveitar à vontade uma praia genuinamente potiguar. “O principal charme das praias do estado onde nos sentimos confortáveis para praticar o nudismo é o fato de elas serem desconhecidas. Existe uma sensação de liberdade maior proporcionada pela natureza inexplorada e a falta de muita gente ao redor”, declara.

Sendo a única corajosa a ousar ficar sem roupa entre os participantes da excursão, Kátia Azevedo reforça que “se sentir solta das amarras de padrões de beleza e da



Kátia Azevedo

sociedade” é um dos grandes benefícios das praias de nu livre. “As praias naturistas são um convite à aceitação, sou gordinha e me senti livre e de bem com meu corpo durante a visita à Ilha da Costinha”.

Diferente da visita à Tambaba, onde, diante da atmosfera mais turística e comercial de uma das praias de nudismo mais conhecidas do Brasil, ela se sentiu desconfortável em sair desfilando o corpo, na Ilha da Costinha a jornalista pode sentir a essência do nudismo. “Em Porto do Mangue me senti em total contato com a natureza. Quando cheguei e pude aproveitar o local sem roupa, não quis mais ir embora”.

Existem três classificações de praias para a prática do nudismo. Existem as praias de nudismo tolerado, onde o nu é aceito, mas não possuem legislação es-

pecífica para a proteção dos naturistas; praias de nudismo oficial, onde a prática é oficializada pelo governo ou prefeitura e têm legislação específica para a proteção dos naturistas; e as praias de nudismo eventual, locais geralmente desertos que, em função de sua topografia e isolamento, proporcionam privacidade para a prática.

O Rio Grande do Norte tem mais dois paraísos que são de nudismo eventual: a Praia de Malembar (também chamada de Guaraíras), em Georgino Avelino, que é caracterizada por ser reta e deserta, com muitos coqueiros e areia branca e fofa; e a Praia do Canto, em Tibau do Sul, que, cercada por falésias, lagoas, dunas e manguezais, podem-se encontrar ocasionalmente turistas praticando o nudismo.



Ilha da Cosinha, Porto do Mangue



Praia de Malembá

Tambaba, PB





Antonio Martins/Flickr

País ousado, mas conservador

No Brasil existem 21 instituições naturistas oficiais, classificadas como associações e parceiras, segundo a Federação Brasileira de Naturismo (FbrN). No Nordeste, são seis atualmente, e mais uma em andamento de oficialização no Rio Grande do Norte. Para o presidente da entidade, Pedro Ribeiro, a população brasileira de modo geral é conservadora, embora tenha sido em nossas praias o surgimento de biquíni asa delta e fio dental, o que em vários países eram considerados muito ousados ou escandalosos. “De qualquer forma, conseguimos uma pequena evolução no sentido da aceitação do nudismo em praias, mas muito aquém do desejado e da potencialidade do litoral desse imenso país. O que atrapalha muito é que a sensualidade brasileira é muito explícita e tudo é levado para o lado do sexual e libidinoso”.

Considera que o naturismo leva à aceitação integral do corpo humano como ele realmente é, sem necessidades de ocultação de partes dele por vergonha ou preconceito. “Uma das consequências do movimento naturista é um bom desenvolvimento da autoestima que leva a aceitação das outras pessoas como elas são, tanto fisicamente como emocionalmente. Digo ainda que o naturismo se propõe à aceitação da natureza e do ambiente natural, que visa proteger e defender, inclusive a fauna e a flora que a compõem. Ele visa também o bom desenvolvimento físico e mental de quem é adepto”.

O Movimento Naturista, que engloba o nudismo, propõe-se a reunir pessoas que não consideram roupas partes essenciais do ser humano, mas sim mais um acessório como tantos outros, necessários em determinadas ocasiões, e completamente dispensáveis em outras.

Guillaume Gaubert



Uns bons drinques

Assim como pratos, bebidas seguem tendências. A melhor delas é descobrir a quais sabores você gosta de se entregar e experimentar novas combinações - das opções mais certas às mais inusitadas

Por Alice Lima



HOJE, DEPOIS DE AMANHÃ ou no próximo feriado. Todos podem ser dias de quem *não* está se guardando mesmo depois de o Carnaval passar e pretende o ano inteiro botar o bloco na rua. Em um país tropical com vários estados dados ao “verão o ano inteiro”, algumas cenas atraem como imã. Entre elas, praia ou piscina com uma taça de drinque harmonizam como rima rica. Se pensar que nessa cena te leva ao meme dos memes, é isso aí. Que 2018 seja ano de ‘tomar uns bons drinques, pois havia boatos que eu estava numa pior’, como eternizou a pensadora contemporânea Luíza Marilac.

Para começar o ano numa melhor, já que ele só começa mesmo depois do Carnaval, vamos brindar e falar sobre drinques e suas tendências entre descobertas e releituras. Por aqui separamos o que cada bebida pode proporcionar neste ano - quase como a cor da roupa no réveillon, com a diferença de que a primeira tem eficácia garantida no oferecimento de experiência e alteração comprovada de sentidos. *Ah! Apprecie com parcimônia* ou moderação ou só pega leve, tá?

Diga-me o que ouves que eu te direi o que bebes

Matéria da Revista Veja de 2012 trouxe dicas de bebidas a partir do que se ouve. De acordo com os sommeliers entrevistados, bossa nova combina com espumante. Cachaça dá samba, enquanto o uísque é do jazz e uma taça de vinho harmoniza magistralmente com

música clássica. E para não dizer que não falei das flores, regueiros, uni-vos com ponche e sangria, e, adeptos do rap, que tal um mojito para animar as rimas?

Embora música e bebidas combinem tanto quanto brinde com espumante na virada de ano,

há quem se conecta às tendências do tão atraente universo da gastronomia e bebidas. Não importa se embalado por marchinhas de carnaval, indie ou tecnobrega, já dizia a velha propaganda de cerveja – sempre vale um “experimenta, experimenta”!





Chandon





Perlage é referência em bebidas selecionadas em Natal



Simone Farret, empresária à frente da Perlage

Augusto Bezerra

Tendências e coisa e tal

A empresária Simone Farret, que está à frente da loja Perlage, referência em bebidas selecionadas em Natal, explica que todos os anos aparecem ou ressurgem os drinks da moda, mas alguns permanecem nas escolhas pela predileção. Segundo ela, drinks com gin e vinhos do porto estão na lista das tendências. “A mixologia é encantadora, versátil e inovadora, mas acho bacana quando envolve as frutas da estação, que, além de mais frescas, ficam mais baratas e valorizam os

produtores locais (slowfood)”.

Se tem uma opção que está sempre em alta quando o assunto é comemoração, e principalmente para climas mais quentes, essa opção é o espumante. Para Simone, é definitivamente a grande atração das comemorações e deve ser muito explorado em todos os momentos, uma vez que o Brasil é grande produtor de espumantes, tanto em quantidade como em qualidade. “Além disso, é uma bebida muito versátil, que vai bem

pura e bem gelada em composições de drinks e ainda pode ser consumida praticamente com todos os tipos de comida, do aperitivo até a sobremesa. E vamos combinar que vai bem a qualquer hora”.

Ainda nessa linha, uma pista atual é o espumante puro com gelo (versão ice). Outras opções são o bellini, que combina suco de pêsego da fruta com espumante geladíssimo (criado no famoso Harry’s Bar, em Veneza), e a boa combinação de ruibarbo com espumante.

No verão deste ano, assim como em outros, marcas de bebidas passaram pelas mais badaladas praias brasileiras e espalharam suas novidades por aí. A Veuve Clicquot circulou com o Clicquot Rich Blanc e o Clicquot Rich Rosé. Já a Chandon apostou no Chandon Passion On Ice.

Mas para quem curte a combinação de gelo e espumante, Milton Assumpção, autor de “Viagens Vinhos História”, lançado pela M. Books, faz alertas. Cuidado para que o vinho não esfrie muito no balde de gelo. Caso isso aconteça, o sabor da bebida poderá ser alterado. O segundo cuidado destacado é em relação ao ambiente onde o

vinho será degustado (como praias ou piscinas, por exemplo). “O gelo mascara o álcool, por isso é importante redobrar a atenção ao entrar na água após ingerir vinho ou qualquer outra bebida alcoólica”.

Os drinques com gin também têm se consolidado nacionalmente e estão sempre lançando novidades em composições criativas e diversas. “Outra promessa que deve virar hit em breve por aqui é o Porto Tônico. Pessoalmente, aprecio as misturas com toques autorais que revelam novos sabores e novas apresentações com mix de bebidas, sabores e aromas de frutas e especiarias, como a pimenta rosa, que é uma das minhas favoritas. Composições inu-

sitadas também são interessantes e muito saborosas, como uísque com maracujá, ruibarbo com espumante”, cita Simone Farret.

Mais que tendência de mercado, a escolha da bebida é algo muito pessoal. Há quem prefira as mais doces, quem adore o tom amargo, quem curta tudo junto e misturado. Outro ponto importante é o custo, pois há desde opções de alto valor àquelas mais leves para o bolso. “A harmonização é outro ponto importante, especialmente quando tiver comida envolvida, mas também deve estar em sintonia com o momento, horário, e, especialmente, com as companhias”, argumenta Simone.

Veuve Clicquot



Clicquot Rich Blanc e o Clicquot Rich Rosé



Veuve Clicquot circulou pelas melhores festas de Réveillon do Brasil, como a do icônico Hotel Copacabana Palace no Rio de Janeiro, no Nannai (Ipojuca)

Mistura aqui, bebe ali

São tantas possibilidades na área que, além de provar todos, fazer o próprio drinque é também uma diversão. Para liberar o *barman* ou a *bargirl* que existe em cada leitor ou leitora que chegou até o fim destas linhas, preparamos uma lista com apoio da Perlage. Se preferir os drinques mais doces basta trocar o espumante ou prosecco brut pelo moscatel.

Agri@no



Península

Numa taça de champanhe ou de vinho, coloque duas colheres de sopa de calda de tangerine e complete com espumante Champenoise brut.

Bellini de morango

Bater no liquidificador uma colher bem rasa de chá de açúcar com três morangos, um pouco de suco de limão e gelo. Servir numa taça com 125 ml de prosecco ou espumante brut.

Berry bubbles

Numa taça de champanhe, coloque seis fatias de morango, 10 ml de licor de framboesa, 10 ml de licor de amora e complete com espumante Champenoise brut. Pode trocar os licores pelas frutas.

Melon spirit

Numa taça de champanhe ou copo longo gelado, combine o suco de quatro cubos médios de melancia coados, uma colher de chá de licor (ou suco) de melão e complete com espumante ou prosecco brut. Sirva imediatamente.





GILSON BEZERRA

Divulgação

Cidade das pedras

Dentre as surpresas que o turismo me proporcionou, uma das maiores descobertas foi o município de Cerro Corá, no Rio Grande do Norte, e seu imenso potencial para o ecoturismo

Fotos: Gilson Bezerra

MINHA PRIMEIRA PASSAGEM POR Cerro Corá, no Rio Grande do Norte, remete a uma velha infância. Tia Gracinha morava em Caicó e quando eu ia visitá-la tinha que cruzar uma vasta área do semiárido saindo de Afonso Bezerra, cidade onde eu morava na região do Sertão Central até o Seridó. A ausência de rodovias asfaltadas nos obrigava a viajar por muitas horas em estradas de terra até chegar ao nosso destino final. Como não existiam pontes nessas estradas, a temporada de inverno tornava o trajeto particularmente mais difícil e foi numa dessas aventuras a bordo de um Jeep Willys que

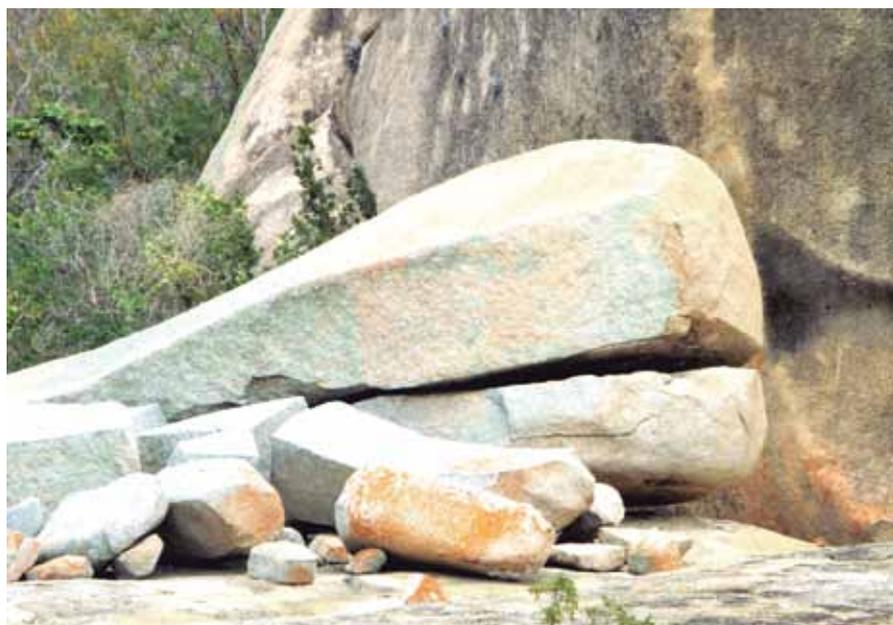
chegamos a Cerro Corá, onde o mau tempo nos obrigou a pernoitar esperando baixar as águas dos riachos que precisávamos atravessar.

Minha maior lembrança foi o frio que senti durante a noite dormindo de rede na sala de uma casa de fazenda que nos abrigou para o pernoite. A altitude de 575 metros acima do nível do mar torna as noites de Cerro Corá bem amenas. A cidade está situada na microrregião da Serra de Santana e não é à toa que ficou conhecida como a “cidade das Pedras”, pois são inúmeros os monumentos geológicos e arqueológicos naturais que o município possui.





Vista de cima de mirante



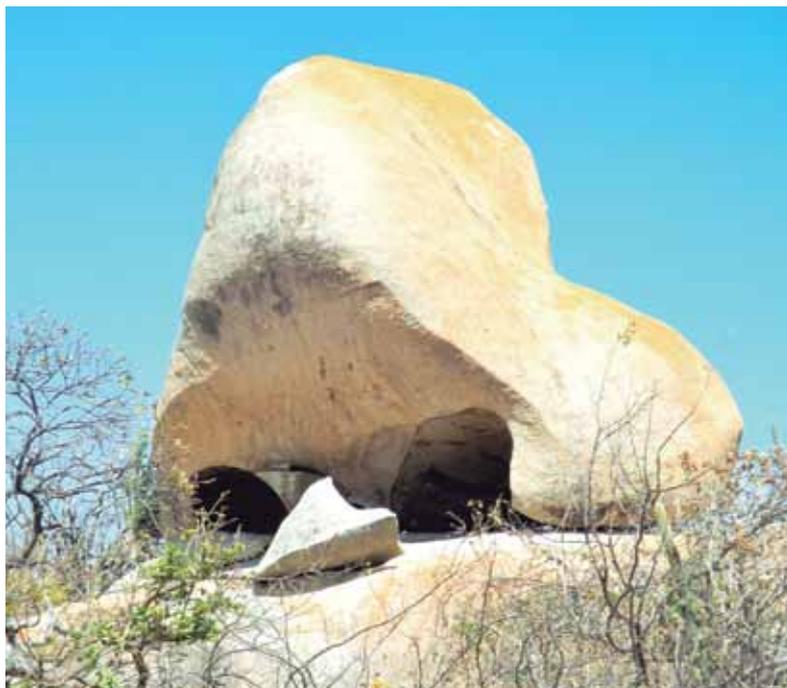
Pedra da Baleia



Vale Vulcânico



Pinturas rupestres na Furna de Zé braz



Pedra do Nariz



Entre janduís e canindés

Antes da chegada dos portugueses, a área era dominada por janduís e canindés, índios ferozes que deram muito trabalho aos portugueses até o seu extermínio quase total ainda no sec. XVII. Segundo o mestre Câmara Cascudo “À volta de 1880, o local da cidade de Cêrro Corá era o sítio Barro Vermelho, pertencente ao Major Lula Gomes ...Dispersos, vivam outros moradores. Plantando algodão, fazendo farinha, criando boi”.

A cidade abriga mirantes, casas de pedra, formações rochosas curiosas como a Pedra do Nariz,

Conventos e Pedra do Tubarão, pinturas rupestres bem preservadas na Furna de Zé Braz, tanques de granito no Geossítio da Serra Verde e a nascente do rio Potengi, que nasce na zona rural do município e atravessa 176 km para desaguar no Oceano Atlântico em Natal. Recomendando também uma visita ao Geossítio Vale Vulcânica, situado a 15 km do centro da cidade. Uma trilha de 2 km dá acesso ao Riacho da Pedreira, onde são encontradas rochas magmáticas resultantes de derramamento de larva vulcânica ocorrido há 27 milhões de anos.

SEGREDOS DE VIAJANTE

Um dos mais belos pores do sol do estado pode ser admirado no Mirante do Cruzeiro, distante 1 km do centro da cidade e que oferece uma vista panorâmica de toda a região. A festa mais tradicional do município acontece de 14 a 24 de junho, quando a cidade comemora os festejos do padroeiro São João Batista com procissão, missas, novenas, quermesse e animada festa social. Outra festa tradicional que entrou para o calendário das festas do estado é o Festival de

Inverno, que acontece no primeiro final de semana de agosto desde 2003 e atrai milhares de visitantes durante a sua realização.

A cidade conta com uma charmosa pousada e oferece boas condições de hospedagem, come-se muito bem em alguns dos pequenos restaurantes espalhados pela zona urbana. Então, permita-se descobrir novas paisagens e se aventurar pelos caminhos da Serra de Santana no município de Cerro Corá.



Primeira casa da cidade



Tanque Azul da Serra Verde

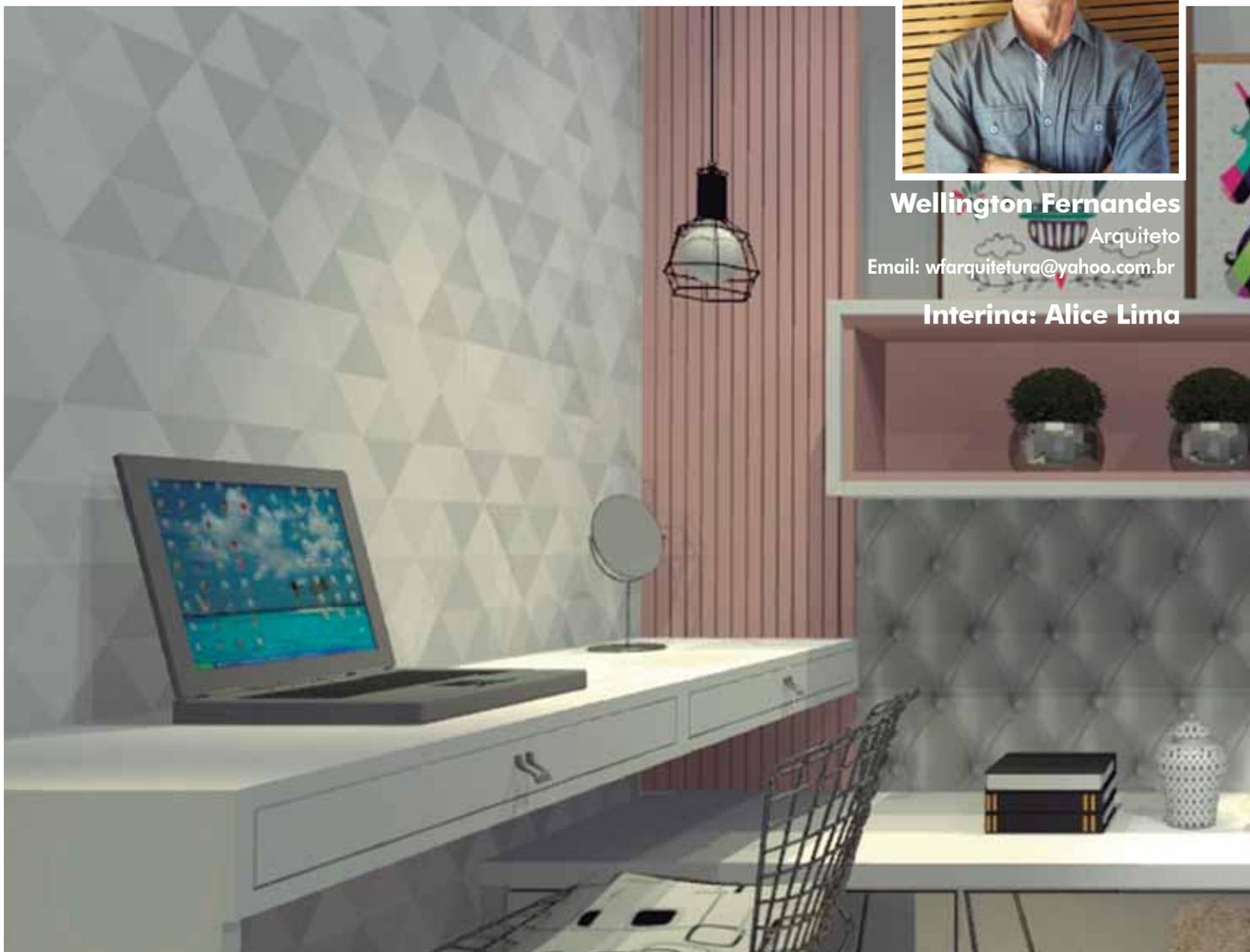


Pousada Colina dos Flamboyants



Tanques da Serra Verde





Wellington Fernandes

Arquiteto

Email: wfarquitetura@yahoo.com.br

Interina: Alice Lima

O poder dos detalhes

São os adornos que dão vida e personalidade aos ambientes. Designer de interiores explica quais os objetos sempre bem-vindos e as tendências para 2018

Fotos: Divulgação



DIZEM POR AÍ QUE são os pequenos detalhes que fazem a diferença. Esse pensamento é sempre atual e se encaixa em diversas áreas do dia a dia. Para a decoração, nada é mais adequado. É nos adornos e objetos decorativos que a personalidade de quem vive em determinado ambiente ganha forma.

Aparadores, porta-retra-

tos, porta-chaves, cachepôs, revestimentos. São algumas peças que imprimem vida aos ambientes. A designer de interiores Sanzia Munik, empresária da loja de decoração de interiores de Mossoró SM Interiores, faz o trabalho de consultoria e transformação a partir das peças decorativas. Ela vai até à casa ou escritório do cliente com adornos definidos a partir da

conversa inicial sobre gosto e estilo. Inicia, então, a montagem do novo espaço que vai se moldando até chegar ao cenário ideal. “É preciso se basear no estilo e pensamento de quem busca a decoração. Nesse momento, tendência pode ser sugestão e dar toques, mas o que realmente importa é o que combina com a ideia daquela pessoa ou família”.



Sanzia Munik, designer de interiores

No momento de decorar e criar, a designer explica que há algumas peças-chave que podem até mudar o estilo, mas são sempre boas opções. O aparador, por exemplo, é bem-vindo em qualquer ambiente – para salas de estar, jantar ou hall. Traz charme e se transforma no altar das peças queridinhas.

Para 2018, o caminho dos adornos, segundo a designer, são os tons neutros, como o cobre, que continua, e as formas suaves, além dos detalhes envelhecidos e trans-

parências. “Até pela época que a gente está vivendo, a leveza tem sido muito valorizada. Faz parte da necessidade de sentir bem e confortável dentro do seu espaço e que ele seja de conexão e equilíbrio. A decoração pode contribuir bastante nesse processo ao proporcionar a atmosfera desejada, começando, literalmente, de dentro pra fora”. Com essa ideia, vasos e cachepôs, em suas mais diversas formas, também se destacam como cantos da natureza dentro de casa. E sobre as formas e busca do equilíbrio, os

vasos muranos dão o tom da leveza materializada.

Para sentir a diferença, basta imaginar um espaço só com os móveis e nada mais por cima ou entre eles. Ao adicionar os adornos, a partir das cores, texturas e formas escolhidas, tem-se um ambiente mais minimalista, mais clássico, moderno ou, ainda, com as três possibilidades dosadas juntas. Para os locais que mais passamos o nosso tempo, nada melhor que preenchê-lo de vida, emoções e detalhes.

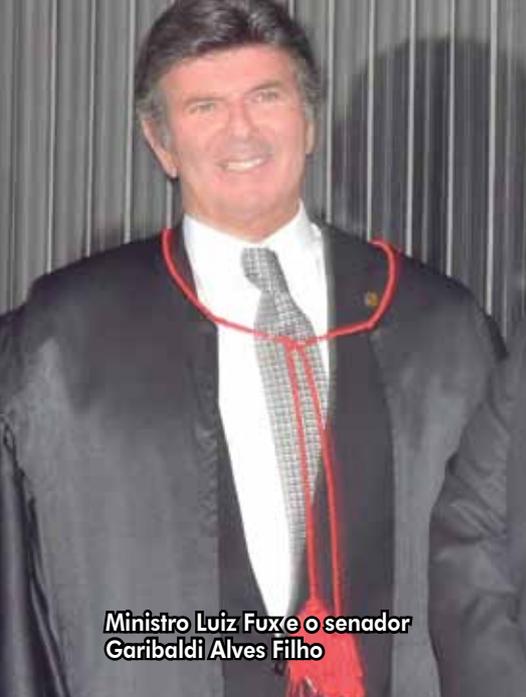


Loja SM Interiores, em Mossoró

TOGA ELEITORAL

Fotos: Paulo Lima/Brasília

Flashes e holofotes da concorrida posse dos ministros Luiz Fux e Rosa Weber na presidência e vice, respectivamente, do TSE (Tribunal Superior Eleitoral). Fux substituiu o ministro Gilmar Mendes (STF) no comando do TSE.



Ministro Luiz Fux e o senador Garibaldi Alves Filho



Senador Eunício Oliveira, presidente Michel Temer, ministros Luiz Fux e Cármen Lúcia



Senador José Agripino Maia



Sob testemunha do colega Ricardo Lewandowski (STF), o ministro Roberto Barroso (STF) mostra à procuradora-geral Raquel Dodge as páginas da Revista Bzzz com fotos da posse dela na PGR



Ministro Tarcísio e Ludmila de Carvalho



Ministro Roberto Rosas



Ministro Luiz Fux com familiares e a vice Rosa Weber



com Guilherme Campelo



Francisco Paulo Soares, Edson Garcia



Ministros Fernando Neves e Dias Toffoli

VÂNIA MARINHO

marinhovania@hotmail.com

Tudo novo

A Animale lembra aos que adoram estar up to date que preto é chique e atemporal. Na nova coleção, a marca aposta em assimetrias e detalhes que fazem a diferença, mostrando sensualidade na medida certa. Para a noite, a marca investe nos metalizados e também no couro para mulheres que desejam brilhar com poder e estilo. Looks imponentes e cheios de atitude, mas é bom lembrar que moramos em um país tropical. O red flower impera na nova coleção da Animale em tecidos leves com detalhes inusitados. O liberty vem de vermelho e azul. Aposta certa.



Novidade

A São Paulo Fashion Week divulgou a data da sua próxima edição: a 45ª edição será realizada de 22 a 26 de abril, no Pavilhão do Ibirapuera. Em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura e o circuito de museus da cidade, outras 13 locações serão disponibilizadas. Inspirado no pensamento do talentoso estilista Conrado Segreto, a mostra celebra o impacto e a liberdade próprios da criação.



GOL DE BRUNA

A atriz Bruna Marquezine causou usando sutiã ousado para desfilir no Bloco da Favorita, no Rio de Janeiro



NATURAL SEMPRE

Simple Organic é a marca de beleza brasileira que é 100% vegana e tem preços acessíveis. Segundo a proprietária da marca, os produtos são desenvolvidos na Itália, com matéria-prima brasileira. O destaque da marca é o rímel que não leva silicone e nem petrolato, não agride aos olhos e dá até para dormir com ele. BB cream é hidratante, os batons levam cera de carnaúba que também é vegetal. Conclusão: a slow beauty embeleza e trata a pele. Sinal dos tempos.



BRILHO EXTRA

O lançamento chegou para o carnaval, mas parece que veio para ficar. A Vult, empresa também 100% brasileira, lançou a linha de pigmentos com partículas brilhantes em diversas cores. O primer fix também foi lançado e pode ser ótimo aliado para fixar melhor os pigmentos e o glitter. A fórmula do primer fix é enriquecida com manteiga de karité e vitamina E.



OCTÁVIO SANTIAGO

octaviosantiagoneto@hotmail.com



Oh! Minas Gerais

O voo semanal diário que decola do Aeroporto Internacional Aluizio Alves para o de Confins, em Belo Horizonte, aproximou Natal das riquezas das Minas Gerais. Tanto as arquitetônicas quanto as naturais. É difícil não poetizar o destino que abriga o maior patrimônio do barroco brasileiro. A exploração das cidades históricas através do verde-bandeira característico do interior é coroada com outra preciosidade: a gastronomia, que dá sabor a essa verdadeira viagem no tempo.



Grande Hotel Ronaldo Fraga | Belo Horizonte

Ainda na capital Belô, vale (e muito) uma parada no Grande Hotel Ronaldo Fraga. No casarão dos anos 1920, os “hóspedes” são roupas, cerâmicas e ideias. Na cozinha antiga, o Dona Diva, antigo conhecido do Mercado Central, ganhou espaço vintage mesclando o clássico pão de queijo com pratos sofisticados.



Atrás da Matriz | Tiradentes

Como diz o próprio nome, Atrás da Matriz, o restaurante está localizado a poucos metros da Igreja de Santo Antônio, em uma das mais charmosas cidades mineiras. A casa oferece ambiente aconchegante e um cardápio um tanto inusitado, com opções de bacalhau, a exemplo do servido com nata gratinada.



O Passo | Ouro Preto

Quando a noite cai na “Vila Rica”, o terraço d’O Passo, com vista privilegiada da cidade, fica ainda mais disputado. O forte da casa são as pizzas e massas frescas, como o nhoque de mandioquinha com filé com crosta de mostarda e queijos. No rol de entradas, iguarias locais como os pastéis de angu.



Conhecido como o Fotógrafo da Corte, dos mais queridos e badalados da capital federal, Paulo Lima ganhou festa de aniversário no Restaurante La Tamboille, Park Shopping, pilotada por Daniele Antony e Tathany Kefalas. Autor dos cliques mais festejados cliques do Planalto Central, o potiguar que adotou Brasília para morar e trabalhar é respeitado em todos os setores da sociedade ao Judiciário, do Congresso Nacional aos ministérios

Hora dos parabéns



Com Nazaré Tunholi



Renata La Porta, Benigna Venâncio



Maria Helena Gomide, Marly Nogueira



Cidália Varela, Vera Lúcia Nogueira, Irene Maia



Paulo Lima recebe o carinho de Rita Márcia Machado, Elizabet Campos, Amador Outeiro



Dani Antony, Thatny Kefalas



Carmen Bocorny, Martha Cury



Daniele Antony, Cristina Monteiro, Thatny Kefalas, Rosângela Menegheti



Gleyds Rimolo, Bia Lobo, Lucinha Batista, Graci Franco

CARNAVAL EM NATAL

Fotos: João Neto

O ano de 2018 efetivou o retorno do Carnaval de rua na capital banhada pelo Rio Potengi. Os blocos lançados nas edições anteriores deram mais um show de organização e criatividade, e novos foram lançados com sucesso. A Praia de Ponta Negra também foi palco de folia. Festejos com promoções da prefeitura municipal, que montou polos onde aconteceram shows de artistas locais e nacionais, como Roberta Sá, a poticarioca da Música Brasileira



Dácio Galvão (Funcarte) e o prefeito Carlos Eduardo no palco, com a Rainha e o Rei Momo, aplaudindo o show de Carlinhos Brown



Adriana Galvão e Sílvio Santiago



Jener Tinoco e Habib Chalita pilotaram mais um sucesso do bloco Se Brincar eu Pego



Andréa e João Paulo Viveiros



Ranieri Barbosa e Veruska, Rodrigo Loureiro, Viviane Rego, Robson Carvalho



Simone e Leonardo Diniz



A irreverência de Cetúlio Soares



Larissa e Leonardo Flor



Flávia Pípolo e Yuri Bagadão



Leila Cunha Lima e Marísio Almeida



Paulo Eduardo, Márcio Guedes, Cristina Lima e Márcio Carvalho



Júlia Arruda e Renato Quaresma



Marcos Sá, Ivone Freire



Mariana Lopes, Maria Eduarda Gadelha



PARA ONDE VAI O NOSSO DINHEIRO?

Fim do mês é sempre um período complicado. As contas vão chegando, o dinheiro vai sumindo e o desespero, batendo. Com o orçamento que não fecha, logo nos fazemos uma pergunta: para onde vai o nosso dinheiro? Essa questão pode ser facilmente respondida pelos gastos mensais não elencados, extras ou supérfluos – tudo aquilo que não colocamos na ponta do lápis na hora do planejamento.

Quando contabilizadas, essas despesas acabam somando valores expressivos durante todo o ano sem que percebamos. Na compra de um carro, por exemplo, é muito comum as pessoas fazerem contas com base apenas nas parcelas e no seguro, e se esquecerem de impostos, combustível, lavagem, estacionamento, revisão, mecânico etc. Certamente, esses compromissos inadiáveis são responsáveis por quase meio carro zero quilômetro a cada ano.

Outra paixão do brasileiro, os animais de estimação também devem ter os gastos calculados no orçamento, para não se tornarem um peso em nosso bolso. Alimentação, banho periódico e atendimento veterinário estão cada vez

mais caros e, embora sejam rotineiros, quase nunca entram nas contas mensais. Não que ninguém deva deixar de se cuidar, mas os gastos com cabeleireiro, barbeiro, manicure e cosméticos, no ponto de vista das finanças, também podem ser considerados vilões quando não planejados.

Mas não são só carros, animais de estimação e cuidados com a beleza que “desviam” boa parte de nossos rendimentos mensais. Hábitos como o cafezinho do pré-expediente, o salgado da tarde ou mesmo a cervejinha do happy hour são menosprezados nas finanças pessoais. Mas estão entre os principais gastos não controlados. Dificilmente o vale-refeição é suficiente para cobrir essas despesas e, de R\$ 5 em R\$ 5, mais de um salário é destinado a isso todos os anos.

Para que não haja um susto no final do mês, é importante que se liste todas as despesas, desde o lanchinho da tarde até o conserto do carro. Fazer anotações semanalmente é uma boa alternativa para se ter um relatório completo, que permite a mensuração do que poderia ter sido poupado e do que pode ser

corrigido nos próximos meses.

O balanço financeiro pode ser feito por meio de uma planilha que contenha os principais gastos obtidos desde o início do ano, para que os supérfluos não sejam repetidos no segundo semestre. Outra dica é que, para as dívidas contraídas em longo prazo - especialmente em cheques, carnês e cartões de crédito -, deve-se checar o prazo de vencimento desses débitos.

Entrar em situação de endividamento é algo que tira o sono de qualquer pessoa. O mais indicado é que se tenha bom senso, sem se deixar levar por atos impensados. Para evitar complicações financeiras, é fundamental se programar, manter o foco em gastos realmente imprescindíveis e, desse modo, evitar o acúmulo de dívidas para o final de ano, por exemplo, época que sempre queremos um dinheiro extra para gastar.

Esses pequenos gastos podem sair do controle e ser tão representativos quanto uma prestação. Evitar gastos supérfluos pode ser o ponto principal para a conquista de um sonho ou mesmo para que não se fique endividado.

CONHEÇA O QUE FAZ E COMO FUNCIONA A CÂMARA.



O vereador exerce o poder de legislar e também o de fiscalizar as ações do prefeito, garantindo o desenvolvimento seguro para a cidade em que vivemos. Conheça algumas atribuições dos vereadores da nossa cidade:

- ✓ Criar, aprovar ou rejeitar projetos de lei;
- ✓ Fiscalizar e controlar as ações do prefeito;
- ✓ Regulamentar a ocupação urbana;
- ✓ Proteger o patrimônio municipal.



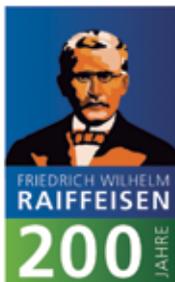
**CÂMARA
MUNICIPAL
DE NATAL**

A CASA DO POVO, A SUA CASA.

ACESSE:
www.cmnat.m.gov.br
ASSISTA TV CÂMARA:
Canal 51.4 (Digital aberto)
Canal 10 (Cabo)

Há exatamente 200 anos, um alemão plantava as primeiras raízes do cooperativismo de crédito.

*Friedrich Wilhelm Raiffeisen foi pioneiro na luta
por um modelo mais justo e humano.*



Hoje, mais de 380 milhões de pessoas estão organizadas em cooperativas distribuídas em cerca de 100 países. Homenageamos esta figura história para o cooperativismo de crédito, que segue movendo milhões de sonhadores no mundo inteiro. E a gente também.